

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CAMPUS REGIONAL DO VALE DO IVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

TAYLA RITA DA SILVA

**HISTÓRIA DE VIDA DE UM ATLETA PARALÍMPICO DE
LANÇAMENTO DE DARDO**

**IVAIPORÃ
2015**

TAYLA RITA DA SILVA

**HISTÓRIA DE VIDA DE UM ATLETA PARALÍMPICO DE
LANÇAMENTO DE DARDO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à disciplina de Seminário de Monografia do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá - como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.
Orientador: Prof.^a. Ms. Ricardo Alexandre Carminato.

IVAIPORÃ
2015

TAYLA RITA DA SILVA

**HISTÓRIA DE VIDA DE UM ATLETA PARALÍMPICO DE
LANÇAMENTO DE DARDO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado à disciplina de Seminário de
Monografia do curso de Educação Física da
Universidade Estadual de Maringá - como
requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Educação Física.
Orientador: Prof.^a Ms. Ricardo Alexandre
Carminato.

Aprovado em _____ / _____ / _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Ricardo Alexandre Carminato
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof. Ms. Paula Natali Marçal
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof. Esp. Ewerton Davy Marques Silva
Núcleo Regional de Educação - NRE

DEDICATÓRIA

A minha família, por sua capacidade de acreditar em mim e investir em mim. Mãe seu amor, cuidado e dedicação foi que deram, em alguns momentos, a esperança para seguir em frente. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar a Deus, por nunca ter desistido de mim, por sempre estar do meu lado, pela força e coragem, e por iluminar o meu caminho durante toda esta longa caminhada.

Agradeço a todos os meus professores por me proporcionarem o conhecimento, não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. Eles não simplesmente me ensinaram e sim me fizeram aprender.

Agradeço também a minha família, que foi a minha base durante todo este tempo de luta. Minha mãe Lazara que sempre me acalmava nos momentos mais estressantes, e que nunca me deixou desistir.

Agradeço também aos meus amigos, que estiveram comigo nas horas difíceis e também nas horas de felicidade, sempre me incentivando a continuar.

Ao meu namorado pela paciência e compreensão nesses últimos dias. E agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*Toda atividade física que fazemos está
além de uma prática desesperada, pois diante dela repousa a vida, que inspira
frequentemente um metabolismo que ultrapassa a textura da pele.*

Wilson do Carmo Júnior.

SILVA, Tayla Rita. **História de Vida de Um Atleta Paralímpico de Lançamento de Dardo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2015.

RESUMO

O esporte tem sido visto como uma ferramenta multifacetária em diversos grupos sociais, porém para evidenciarmos essas facetas na vida das pessoas com deficiência traçamos o objetivo de, analisar a história de vida de um atleta paralímpico de lançamento de dardo frente a qualidade de vida, trajetória esportiva e inclusão social. A população da amostra foi de 1 atleta paralímpico com expressão internacional e 1 técnico de atletismo, caracterizando a pesquisa como, qualitativa através do estudo de caso do tipo história de vida. Para coleta dos dados utilizou-se a abordagem indutiva através de uma entrevista semiestruturada. Concluímos que o paradesporto surgiu na vida do atleta pesquisado como uma forma de modificar seu jeito de praticar modalidades esportivas, respeitando suas limitações e potencialidades, mas tornou-se um grande provedor de benefícios, melhorando sua motivação, facilitando sua inclusão social, promovendo sua visibilidade e reconhecimento perante a sociedade, aumentando sua auto aceitação, e também favorecendo o desenvolvimento de suas capacidades, sendo elas físicas, psicológicas e sociais, contudo melhorando sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Esporte. Deficiência. Qualidade de vida.

SILVA, Tayla Rita. **Life History of a Paralympic Athlete of Javelin Throw**. Work of Conclusion of Course (Graduation in Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2015.

ABSTRACT

The sport has been seen as a multifaceted tool in various social groups, but to evidence these facets in the lives of people with disabilities we draw in order to analyze the life story of a paralympic athlete facing javelin quality of life, career sports and social inclusion. The sample population was 1 athlete with international paralympic expression and 1 technician athletics, featuring research as qualitative through the case study of the kind of life story. For data collection was used the inductive approach using a semi-structured interview. We conclude that the parasports emerged in the life of searched athlete as a way to change the way you practice sports, respecting their limitations and potential, but has become a great benefits provider, improving their motivation, facilitating their social inclusion, promoting visibility and recognition in society, increasing their self acceptance, and also favoring the development of their capabilities, they are physical, psychological and social, but improving their quality of life.

Key-words: Sport. Deficiency. Quality of life.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACD – Associação de Assistência à Criança Deficiente.

CPSP – Clube dos Paraplégicos de São Paulo.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

CPB– Comitê Paralímpico Brasileiro.

IPC – International Paralympic Committee.

CREF – Conselho Regional de Educação Física.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Termo de consentimento livre e esclarecido para o atleta.	68
ANEXO B	Termo de consentimento livre e esclarecido para o técnico.	70
ANEXO C	Roteiro da entrevista com o atleta, adaptado de De Moro et al., 2014.	72
ANEXO D	Roteiro da entrevista com o técnico.	76

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A	Ranking do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).	78
APÊNDICE B	Ranking do International Paralympic Committee (IPC).	79
APÊNDICE C	Reportagens referentes as conquistas do atleta.	80

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. JUSTIFICATIVA	14
4. OBJETIVOS	16
4.1 OBJETIVO GERAL	16
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
5. REVISÃO DE LITERATURA	17
5.1 O ESPORTE NA VIDA DO DEFICIENTE.....	17
5.1.1 Esporte paralímpico no Brasil	20
5.2 O ESPORTE COMO MEIO DE MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA.....	21
5.3 INCLUSÃO SOCIAL E O ESPORTE ADAPTADO	26
6. METODOLOGIA	30
6.1 TIPO DO ESTUDO.....	30
6.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	31
6.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	31
6.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS	32
6.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	32
7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
7.1 CARACTERIZAÇÃO DO ATLETA	34
7.2 TRAJETÓRIA ESPORTIVA.....	35
7.3 O ESPORTE COMO QUALIDADE DE VIDA	44
7.4 INCLUSÃO SOCIAL.....	47
7.5 MOTIVAÇÃO.....	52
7.6 MEANDROS DO ESPORTE	55
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

A pessoa com deficiência defronta-se com muitos desafios durante sua vida, e uma forma de fazer com que as mesmas se tornem mais preparadas para enfrentarem esses desafios, é a inserção em atividades esportivas, pois o esporte também propõe desafios que seus praticantes devem superar. Com isso, os deficientes vão tornando-se mais confiantes, e eles mesmos alteram suas estruturas intra psicológicas e começa a auxiliar na sua própria inclusão social. (OLIVEIRA; FAUSTINO; SEABRA, 2012).

Segundo Interdonato e Greguol (2011), pessoas com deficiência, sejam quais forem elas, quando começam a ter uma prática regular de atividades de lazer ou esportivas adaptadas, tenham finalidades competitivas ou não, acabam tendo efeitos positivos para sua saúde física, mental e social, melhorando assim, sua qualidade de vida.

Segundo Araújo; Araújo (2000, p. 195):

Quando ampliamos os efeitos de uma vida ativa fisicamente para além da saúde e colocamos os efeitos do exercício, adequadamente realizado, como fator indispensável para a melhoria na qualidade de vida de um dado indivíduo, aí estamos partindo da premissa de que alguém inativo e sedentário não tem boa qualidade de vida. Contudo, a classificação de uma qualidade de vida boa ou ruim está diretamente relacionada à maneira do indivíduo entender o sentido da vida.

Pensando também que o esporte é um termo muito complexo, e que abrange várias concepções, sendo elas, o esporte enquanto rendimento, o esporte enquanto lazer e o esporte enquanto educação. Podemos perceber que o esporte não é simplesmente a técnica, a tática ou apenas modalidades esportivas, mas sim, um grupamento de concepções de culturas corporais de movimento, dentro da educação física, que tem como objetivo a melhoria da qualidade de vida do indivíduo. O esporte em si, faz parte de uma dimensão da cultura de movimento humana, constituindo-se, ao mesmo tempo, em produção e expressão do homem (DAÓLIO, 1995).

Com isso podemos perceber que o esporte pode aparecer como instrumento auxiliador que impulsiona a inclusão, melhorando a vida social das pessoas com deficiência, seja ela qual for (OLIVEIRA; FAUSTINO; SEABRA, 2012).

Segundo Marques e Gutierrez e Almeida (2012), além de todos os benefícios que o esporte pode proporcionar através das suas dimensões, pensando em práticas saudáveis e qualidade de vida, também podemos encontrar dentro do mesmo o paradesporto que é uma forma que, pessoas com deficiência encontram para praticar o esporte enquanto rendimento, cuja nomenclatura se chama esporte paralímpico.

O esporte paralímpico pode ser um componente facilitador para a inclusão social, pois possibilita ao atleta fazer parte de um grupo com pessoas nas mesmas condições e ter seus feitos valorizados por critérios esportivos e não apenas pela superação da deficiência (GOODWIN et al. 2009 apud MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012, p.515).

Tanto o esporte como qualidade de vida como o esporte enquanto rendimento, pode proporcionar diversos benefícios para o deficiente, pensando que este estudo estará abordando a deficiência física, trazemos um enfoque nos benefícios que o esporte paralímpico pode acarretar na vida do deficiente físico, que segundo Labronici et al. (2000), o esporte como atividade física e paralímpico, para deficientes físicos tem vários benefícios que devemos levar em conta, como, a integração social; atividade não passiva e sim mais ativa; independência nas atividades propostas; competitividade; grupos de atividades; atividades individuais; concentração e coordenação e regras.

A pesquisa tem como objetivo analisar a configuração da trajetória de um atleta paralímpico de lançamento de dardo frente aos aspectos sociais, psicológicos e físicos por meio de sua história de vida.

2. JUSTIFICATIVA

O presente estudo se justifica devido minha convivência com o atleta pesquisado, sou irmã do mesmo e esta ligação fez com que surgisse em mim a curiosidade de saber quais foram os impactos, positivos ou negativos, na vida dele, e também analisar as mudanças que ocorreram, frente a qualidade de vida, a trajetória esportiva e a inclusão social depois que se tornou um atleta paralímpico. As mudanças físicas, psicológicas e sociais que me parecem ser aparentes, necessitam de um crivo científico e imparcial para comprovarmos os efeitos do esporte nas pessoas com deficiência.

Por se tratar de um estudo diferenciado devido existirem poucos trabalhos que seguem esta mesma linha, pois após realizar algumas pesquisas em relação a pesquisar com as mesmas características, pude constatar que o mesmo é incomum no meio acadêmico em geral, encontrando apenas 1 trabalho que se encaixava no mesmo padrão, em consequência disto o interesse de desenvolver o mesmo foi maior considerando que, a presente pesquisa pode vir a somar tanto no meio científico quanto no meio social trazendo benefícios para a sociedade. Acredito que por se tratar de um estudo de caso poderemos tirar algumas conclusões mais concretas sobre este assunto, para podermos assim, colocar em prática as experiências que já foram estudadas e que serão comprovadas ou não. Este estudo será realizado de acordo com o método qualitativo e as análises serão efetuadas através da análise de conteúdo.

De acordo com Cardoso (2011) o esporte adaptado surgiu com intuito de promover a reabilitação física, psicológica e social das pessoas com deficiência. Com o passar do tempo podemos observar o aumento da prática de atividades físicas por estas pessoas, pois houve também o aumento da busca pela melhoria da qualidade de vida. As pessoas com deficiência estão buscando esta pratica, pois visam estimular suas potencialidades e possibilidades, pensando sempre em seu bem-estar físico, psicológico e social. Pensando que a Educação Física busca também englobar estas três categorias citadas acima, consideramos que a contribuição para a área será extremamente pertinente, pois com a análise que será realizada, poderemos observar se realmente o exercício físico pode contribuir positivamente para o desenvolvimento e qualidade de vida dos indivíduos.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

As pessoas com deficiência vêm ao longo do tempo se deparando com muitas barreiras sociais, físicas e conceituais, o esporte vem sendo um forte aliado para que esses mitos e crenças possam aos poucos serem desmitificados. A busca pelo esporte da pessoa com deficiência vai muito além de apenas uma terapia, ele é capaz de proporcionar melhorias significativas em suas funções físicas, sociais e psicológicas oportunizando uma melhora em sua qualidade de vida.

O esporte pode ser considerado um dos melhores mecanismos de inclusão existentes pois, quando citamos que um indivíduo é atleta automaticamente a sociedade o considera acima dos níveis normais do ser humano. Os esportes paralímpicos servem como uma grande vitrine para que as pessoas que ainda olham para os deficientes com pena, dó ou preconceito quebrem essa barreira cultural e conceitual que vem se arrastando de gerações em gerações.

Diante do exposto o problema da pesquisa constitui-se em:

Como se configura a trajetória de vida de um atleta Paralímpico de lançamento de dardo frente a qualidade de vida, a trajetória esportiva e a inclusão social?

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a história de vida de um atleta Paralímpico de lançamento de dardo, frente, a qualidade de vida, a trajetória esportiva, inclusão social e a motivação.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o impacto do esporte na qualidade de vida do atleta;
- Descrever a trajetória esportiva constituída no decorrer da vida do atleta;
- Identificar os aspectos de inclusão social e suas relações na vida do atleta.
- Observar o aspecto motivacional do atleta frente a sua vida esportiva.

5. REVISÃO DE LITERATURA

5.1 O ESPORTE NA VIDA DO DEFICIENTE

Quando falamos em esporte na vida do deficiente podemos perceber que essa história é bem antiga, pois os primeiros rastros deste, foi 1115 anos a. C, quando os povos chineses, hindus e gregos buscavam realizar alguns sistemas de exercícios para reparar algumas fraquezas dos corpos dos estudantes (ADAMS et al, 1985 apud BUSTO, 2011).

Já na Idade Média, esse pensamento era contrário, pois a igreja era tida como uma grande autoridade, que com a “mortificação da carne”, os mesmos seriam “salvos”, com isso os jogos, ou qualquer tipo de atividade física eram indesejáveis, perante o pensamento da igreja naquela época (BUSTO, 2011). As pessoas com deficiência serviam como diversão para as outras pessoas tidas como normais, pois as mesmas eram tratadas como pessoas diferentes, fora daquilo que era tido como normal, então as mesmas eram ignoradas perante a sociedade (BUSTO, 2011). Na Idade Moderna as crianças que nasciam com deficiência, com um corpo malformado, eles acreditavam que as mesmas teriam uma mente malformada, supersticiosamente se tornariam um bruxo, um feiticeiro, pois essas crianças eram tidas como um castigo de Deus. Mas, nesta época já surgem tratamentos que se utilizavam de exercícios físicos para tentar corrigir algumas deformidades posturais, exercícios estes, voltados ao esporte e atividades recreativas (BUSTO, 2011).

No século XIX os exercícios foram classificados em 4 categorias, sendo estas: pedagógicos, estéticos, militares e médicos, mas foi em 1920 quando Klaap propôs “o uso de exercícios para o tratamento da escoliose. Após a Segunda Guerra Mundial, aumentou o uso dos exercícios terapêuticos em hospitais para a reabilitação, popularizando assim os jogos e esportes adaptados” (BUSTO, 2011).

Historicamente a origem do esporte para deficiente, se remete ao fim da última grande guerra. Para Araújo (1997, p. 6-7):

Tal atividade se propunha a minimizar as sequelas nos soldados acometidos por traumatismos, em decorrência das guerras, mais especificamente em relação a Segunda Guerra Mundial. Na década de 1940.

Existem alguns relatos destas práticas esportivas logo após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, na Alemanha, onde um grupo de pessoas mutiladas, buscaram um certo alívio dos horrores da guerra, mas não conseguiram dar continuidade a esta prática. Outro fato semelhante foi em 1932, no Reino Unido, onde formou-se uma Associação de jogadores de golfe, os mesmos eram amputados unilaterais de membros superiores, mas devido a suas limitações não obtiveram êxito (ARAÚJO, 1997).

Mas como já foi dito, foi após a Segunda Guerra Mundial que esta atividade passou a ser efetivada como uma forma de reabilitação para os soldados que voltavam mutilados da guerra. Nessa época acreditava-se que o esporte se tornava uma grande ferramenta para acelerar o processo de reabilitação (ARAÚJO, 1997). De acordo com Silva (1992 apud BENFICA, 2012) este novo modo de reabilitação aconteceu, em decorrência da insuficiência dos métodos já utilizados, que tentavam suprir as necessidades médicas e conseqüentemente psicológicas dos lesados pela guerra. Sabemos que os ferimentos causados por traumatismos, em decorrência de uma guerra, podem ser restabelecidos, mas, as sequelas que ficam, em decorrência de grandes lesões, principalmente as causadas por traumatismos raquimedulares ou também as grandes amputações, são de difícil restabelecimento social e emocional (ARAÚJO, 1997).

Assim o esporte passou a ter um valor terapêutico, mas também o poder de restabelecer novos caminhos, que obteve como resultado uma maior interação entre os lesados da guerra. Através deste novo modo de reabilitação, as pessoas deficientes estavam se tornando capazes de voltarem a ser eficientes, isso pelo menos no esporte (ARAÚJO, 1997).

Graças às atividades recreativas, os deficientes físicos encontraram a motivação necessária para participarem da comunidade mais ampla, de produzir, de trabalhar e de assumir papéis de liderança na comunidade. (ADAMS et al. 1985 apud ARAÚJO, 1997, p. 7).

Esta ideia de reabilitação através do esporte para os lesados na guerra, veio de Ludwig Guttmann, um neurocirurgião alemão, pois para ele a atividade física interligada com o esporte, possuía um grande valor físico, psicológico e social, com isso, deveriam fazer parte da vida cotidiana das pessoas com deficiências, pois, iriam proporcioná-las uma vida mais próxima da normalidade, diminuindo as barreiras e suas limitações (LIMA, 2010 apud BENFICA, 2012). Araújo (1997) traz em

seu livro algumas reportagens de jornais da época, relatando os resultados da atividade física como processo de inserção e reabilitação para os deficientes.

Os primeiros resultados desta prática relatam que, em um ano de trabalho, o Dr. Guttmann conseguiu preparar seis paraplégicos para o mercado de trabalho e reconheceu que as atividades esportivas, como ocupação terapêutica, eram importantes na reabilitação psicossocial dos deficientes, deu-lhes a oportunidade de competir não só no esporte como em todos os campos sociais (ARAÚJO, 1997, p. 8).

Com o sucesso de seu trabalho, o alemão motivou-se e organizou a primeira competição para atletas em cadeiras de rodas em 29 de julho de 1948, na mesma data da abertura dos Jogos Olímpicos de Londres (SENATORE, 2006 apud MARQUES et al, 2009), onde haviam 16 atletas paraplégicos (14 homens e 2 mulheres), na disputa de arco e flecha (LANDRY, 1995 apud MARQUES et al, 2009).

Em 1952, ex soldados holandeses se uniram para participar dos Jogos de Stoke Mandeville, e juntamente com os ingleses, fundaram a ISMGF – International Stoke Mandeville Games Federation - Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville, dando início ao movimento esportivo internacional que viria a ser base para a criação do que hoje é conhecido como esporte paraolímpico. (SENATORE, 2006 apud MARQUES et al, 2009, p. 370).

Já em 1960 o mesmo comitê organizador dos jogos de Stoke Mandeville, realizou algumas competições em Roma, Itália, isso logo após os Jogos Olímpicos, pois assim podiam utilizar os mesmos espaços de competição e no mesmo formato das Olimpíadas, onde participaram quatrocentos atletas de 23 países que competiram em 8 esportes, 6 deles ainda eram inclusos no programa de competição Paraolímpica, como, tênis de mesa, arco e flecha, basquetebol, natação, esgrima e atletismo (GARCIA, 2010), e essa foi a organização da primeira Paralímpiada.

Esses jogos ocorriam de quatro em quatro anos, e eram exclusivos para atletas com lesão medular até 1976, quando nos jogos de Toronto, Canadá, houve a inclusão dos atletas cegos e amputados, e a partir de 1980, em Arnhem, na Holanda, a inclusão dos paralisados cerebrais. Além disso, em 1976, em Ornskoldsvik, na Suécia, foram realizados os primeiros Jogos Paraolímpicos de inverno, sendo que este ocorreu no mesmo ano dos jogos de verão até 1992, quando o ciclo foi ajustado em 1994 (SENATORE, 2006 apud MARQUES et al, 2009, p. 370).

De acordo com Benfica (2012, p. 14) foi “neste momento que o grande sonho de Guttmann se concretizava: a criação dos Jogos Paralímpicos. ” Os jogos Paralímpicos ou Paralímpiadas, é um importante evento, que reúne atletas do

mundo inteiro, acontece de 4 em 4 anos, logo após as Olimpíadas. É um evento que tem como objetivo a confraternização entre todos os povos (BENFICA, 2012).

Desde então os Jogos Paralímpicos são realizados no mesmo ano e no mesmo País que as Olimpíadas, os mesmos são realizados após os Jogos Olímpicos (GARCIA, 2010).

5.1.1 Esporte paralímpico no Brasil

No Brasil o esporte adaptado teve início na década de 1950, quando dois indivíduos vindos dos Estados Unidos, Robson Sampaio de Almeida e Sergio Serafim Del Grande, ficaram deficientes físicos após sofrerem um acidente. Então entraram em contato com o “Institute For Rehabilitation Kesle”, em New Jersey, foi quando os mesmos foram informados que no programa de reabilitação tinham como obrigação a prática de algum esporte, como basquete, lançamento de dardo, entre outros, ou seja, o deficiente para permanecer no tratamento, teria que praticar alguma atividade esportiva (ARAÚJO, 1997).

Quando retornaram ao Brasil, agora com um envolvimento com o esporte adaptado, puderam prestigiar a vinda dos “Pan Jets”, trazidos para uma visita ao Brasil em novembro de 1957 pela AACD, eles eram funcionários da empresa Pan American World Air Ways, que ficaram paraplégicos e continuaram a trabalhar na empresa e a praticar esporte. Os mesmos vieram para realizar alguns jogos de exibição na cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro. Foi quando um dos integrantes, sugeriu a Del Grande, que fundasse um clube de paraplégicos no Brasil, o mesmo se entusiasmou com a proposta e com as dicas que recebeu. Del Grande decidiu colocar em prática a ideia, e conseguiu ajuda de Paulo Machado de Carvalho, então vice-presidente da Federação Paulista de Futebol, que realizou uma campanha na televisão, para tentar conseguir a doação de 10 cadeiras de rodas para começarem a pôr em pratica o projeto de Del Grande (ARAÚJO, 1997).

E em fevereiro de 1958, iniciaram-se os treinamentos de basquetebol, no Hospital da Clinicas em São Paulo. Em 28 de julho de 1958 foi dada a personalidade jurídica para o Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP). Desde então este movimento tem procurado incorporar-se com as regras e leis dos órgãos

internacionais de esporte adaptado, e assim o mesmo foi se alastrando e se tornando conhecido e fazendo com que os deficientes se passem a praticar alguma modalidade esportiva (ARAÚJO, 1997).

Para Araújo (1997) a grande ascensão deste movimento foi em 1969, quando foi formada a primeira seleção brasileira para participar da 2^o edição dos jogos pan-americanos, realizado em Buenos Aires. E a participação do Brasil nesta competição era de imensa importância, pois era um excelente meio de buscar manter contatos com outros países que já possuíam notável relevância com o movimento paralímpico.

A partir daí o movimento paralímpico brasileiro vem buscando trilhar seus caminhos, seguindo os mesmos passos dos órgãos internacionais, incorporando informações e orientações, assim buscando evoluir em diversos campos, com o intuito de obter uma participação mais efetiva neste movimento com expressão mundial (ARAÚJO, 1997).

5.2 O ESPORTE COMO MEIO DE MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA

O termo qualidade de vida caracteriza-se por ser um termo bem complexo, pois existem várias definições e características, onde cada área que trabalha com esse tema aborda uma definição que se encaixe melhor com sua linha de pensamento, pois estão diretamente ligadas aos interesses científicos e políticos de cada estudo e sua área de investigação, bem como das possibilidades de operacionalização e avaliação (PEREIRA; TEIXEIRA; SANTOS, 2012). Sendo assim, o termo qualidade de vida acaba sendo abordado, por muitos autores, como um sinônimo de saúde, e por outros como um conceito mais abrangente, colocando assim que as condições de saúde seriam somente um dos aspectos a serem considerados (FLECK et al, 1999).

Segundo Santin (2002 apud Pereira; Teixeira; Santos, 2012, p. 242):

A etimologia do termo qualidade deriva de “qualis” [latim] que significa o modo de ser característico de alguma coisa, tanto considerado em si mesmo, como relacionado a outro grupo, podendo, assim, assumir tanto características positivas como negativas. Porém, quando se fala em qualidade de vida, acredita-se que, geralmente, refere-se a algo bom, digno e positivo.

Para a OMS (Organização Mundial da Saúde) qualidade de vida nada mais é, que, a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida, sendo incluído no contexto da cultura e sistema de valores, nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL GROUP, 1994apud FLECK, 1998).

Segundo Day e Jankey (1996 apud PEREIRA et al. 2012), o termo qualidade de vida pode ser classificado de acordo com quatro abordagens, sendo, econômica, psicológica, geral ou holística. Onde a abordagem econômica tem os indicadores sociais como seu principal elemento. Já a psicológica busca indicadores que tratam das reações subjetivas de um indivíduo, como às suas vivências, tratando assim, primeiramente da experiência direta da pessoa cuja qualidade de vida está sendo avaliada e indicando como os povos percebem suas próprias vidas, felicidade, satisfação. Esta abordagem desconsidera o contexto ambiental em que o indivíduo está inserido, fazendo com que isso torne a principal limitação dessa linha de pensamento (DAY; JANKEY, 1996 apud PEREIRA; TEIXEIRA; SANTOS, 2012).

De acordo com Minayo e Hartz e Buss (2000 apud PEREIRA; TEIXEIRA; SANTOS, 2012) a abordagem geral tem como linha de pensamento a questão de oferecer melhorias nas condições de vida dos enfermos (pessoas com algum tipo de doença). Sendo assim quando pensamos em qualidade de vida e saúde temos como base teórica da abordagem a cura e sobrevivência das pessoas. Também temos que ressaltar que “embora saúde e qualidade de vida sejam, muitas vezes utilizados como sinônimos, são conceitos que apresentam especificidades, mas também uma grande relação entre si” (PEREIRA; TEIXEIRA; SANTOS, 2012, p. 243).

E a abordagem geral ou holística tem como conceito de qualidade de vida o pensamento multidimensional, que apresenta uma organização complexa e dinâmica dos seus componentes, que difere de pessoa para pessoa de acordo com seu ambiente/contexto e mesmo entre duas pessoas inseridas em um contexto similar. Para Renwick e Brown (1996 apud Pereira; Teixeira; Santos, 2012) “características como valores, inteligência, interesses são importantes de serem considerados. Além disso, qualidade de vida é um aspecto fundamental para se ter uma boa saúde e não o contrário. ”

Quando relacionamos esporte como qualidade de vida, logo percebemos que tem os fundamentos históricos nesta relação. Pensando na era dos filósofos

gregos, em especial Platão, que já valorizava extremamente as práticas regulares de atividades físicas pois as colocavam como uma forma de buscar harmonia, que era um dos sinônimos mais utilizados na época para definir saúde (DE ROSE, 1997).

De Rose (1997, p. 73) também destaca que:

Desse conceito surgem os Jogos Olímpicos, como forma de festival religioso que visava promover um corpo saudável, harmônico e bonito como o templo ideal para os deuses da época. A primeira manifestação desses jogos foi uma corrida no Vale de Olímpia, que dava ao vencedor o honroso direito de acender o fogo sagrado a Zeus.

Já os médicos romanos, foram os que ensinaram a prescrever exercício, definindo a importância da intensidade como uma variável fundamental na atividade física regular. Isso tudo sem possuir conhecimento de medidores acurados do tempo, da frequência cardíaca ou do lactato, acabaram usando a única variável que conheciam ser eficiente: a da sudorese. Pois através dela, podiam definir intensidades ideais de exercício, que nos dias de hoje seriam ditas aeróbias, e que são indicadas para tratamento de patologias degenerativas através da atividade física (DE ROSE, 1997). De Rose (1997) ainda afirmava que nessa época a ideia de que, para obter qualidade de vida, o exercício era muito importante, como também era saber beber e comer adequadamente, saber conviver adequadamente com a alegria e com a preocupação, e saber alternar corretamente a atividade física e o repouso

No século XIX os médicos franceses redescobriram a atividade física como cofator do tratamento de patologias endócrinas. Já na década de 1960 o exercício se estabeleceu como um agente muito importante na prevenção, tratamento e reabilitação das patologias cardiovasculares (DE ROSE, 1997).

Segundo De Rose (1997) a grande influência da atividade física regular na qualidade de vida do homem foi na sociedade moderna, onde tornou-se um importante aspecto focal que uniu definitivamente a Medicina do Esporte e a Medicina do Exercício, que hoje conseguem conviver harmoniosamente.

Hollmann (1958 apud de Rose, 1997) considera que o termo Medicina do Esporte, não corresponde mais, nos dias de hoje ao corpo de conhecimento desta especialidade. Segundo ele a definição da especialidade, engloba os campos teóricos e também práticos da medicina em que se investiga a influência da atividade física, do treinamento e do esporte em pessoas saudáveis e doentes,

visando assim produzir efeitos positivos na prevenção, tratamento e reabilitação de patologias, bem como no desempenho do atleta.

Quando pensamos no novo século, podemos perceber que os especialistas da área da medicina do esporte, estão cada vez mais se preocupando com a qualidade de vida, recomendando exercícios com menor intensidade e fazendo com que os mesmos se tornem mais agradáveis, juntamente com uma dieta adequada, realizados em meio ambiente ideal, com uma baixa poluição e com visual atraente (DE ROSE, 1997).

As atividades esportivas organizadas, por sua vez, como os Jogos Olímpicos e campeonatos internacionais, têm suas sedes escolhidas muitas vezes em função do aspecto meio ambiente, valorizando extremamente a qualidade de vida dos habitantes dessas cidades e dos visitantes que a ela acorrerão durante os Jogos, e pensando também na influência que a poluição ambiental exerce sobre o desempenho atlético. Dessa forma, não existe a menor dúvida de que o terceiro milênio nos orientará para buscar a qualidade de vida como primeira variável relacionada com a atividade física regular, a saúde e o desporto de alto rendimento (DE ROSE, 1997, p. 74).

De Rose (1997), ainda afirma que quando falamos em qualidade de vida, podemos observar que aconteceram importantes modificações nos últimos 20 anos em relação aos conceitos de exercício e saúde. Pois nos anos de 70 e 80 o principal objetivo do exercício era correr e buscar o condicionamento físico (fitness), já nos anos 90 passaram a ser mais valorizadas a caminhada e a qualidade de vida (wellness).

Segundo Araújo e Araújo (2000, p. 195):

Quando ampliamos os efeitos de uma vida ativa fisicamente para além da saúde e colocamos os efeitos do exercício, adequadamente realizado, como fator indispensável para a melhoria na qualidade de vida de um dado indivíduo, aí estamos partindo da premissa de que alguém inativo e sedentário não tem boa qualidade de vida. Contudo, a classificação de uma qualidade de vida boa ou ruim está diretamente relacionada à maneira do indivíduo entender o sentido da vida.

Com todos esses pressupostos, podemos chegar à conclusão que a atividade física e seus derivados (esportes, exercícios), podem contribuir consideravelmente com a qualidade de vida, e que isso também vai depender do ponto de vista do indivíduo. Nabkasornet al. (2006 apud CEVADA, 2012) expõe que estudos científicos evidenciam que o exercício físico de uma forma voluntária, em intensidades moderadas, com atividades prazerosas, visando o bem-estar do

indivíduo, melhora o humor, a cognição, a ansiedade e a qualidade de vida em indivíduos saudáveis.

5.3 INCLUSÃO SOCIAL E O ESPORTE ADAPTADO

Para Lopes (2006 apud BORBA; LIMA, 2011), inclusão social caracteriza-se como sendo as políticas sociais contemporâneas que procuram priorizar, mesmo que equivocadamente, atingir os excluídos que estão em um certo limite das privações, isto através de programas focalizados que sustentam rótulos de “inclusão social”.

Já para Sheppard (2006 apud BORBA; LIMA, 2011), o conceito de inclusão social está relacionado com uma certa procura de estabilidade social, através da cidadania, sendo assim, todos os cidadãos têm os mesmos direitos perante a sociedade. Preocupando-se com o bem-estar da população em geral.

Mazzota (2011 apud MAZZOTA, 2012) ainda ressalta que a inclusão social é caracterizada como a participação ativa nos diversos grupos que haja convivência social, pensando desta maneira tem em vista, que, para pertencer a esta sociedade a pessoa deve estar inserida em grupos e organizações. Com isso o lazer, a cultura e principalmente o esporte possui um importante papel para todos os cidadãos.

Dentro da inclusão social podemos observar alguns fatores cruciais que caracterizam a mesma, sendo um destes fatores:

A valorização das pessoas e grupos, independentes de religião, etnia, gênero ou diferença de idade; estruturas que possibilite possibilidades de escolhas; envolvimento nas decisões que afetam a si em qualquer escala; disponibilidade de oportunidades e recursos necessários para que todos possam participar plenamente na sociedade (WIXEY et al. 2005, p. 17 apud BORBA; LIMA, 2011, p. 223).

Tendo em vista alguns outros fatores que priorizam os direitos básicos das pessoas em geral, como, segurança, direitos democráticos, oportunidades comuns de participação política (SEN, 2000 apud BORBA; LIMA, 2011), melhoria na educação, treinamentos preparatórios para a inserção no mercado de trabalho, garantindo assim empregos com maior qualidade e melhorando a inclusão social (MAZZA, 2005 apud BORBA; LIMA, 2011).

O estado tem como dever garantir todos os direitos dos cidadãos, direitos estes, como, promoção da saúde pública, promoção da educação, promoção da segurança pública, proteção de idosos, promoção de emprego, promoção dos

direitos dos deficientes, entre outros muitos deveres do estado que fazem parte da inclusão social e da cidadania de um país (BORBA; LIMA, 2011).

Dentro destas perspectivas o esporte vem como um fator predominante para a inclusão social, principalmente para inclusão social de pessoas com deficiência. Para Brazuna e Castro (2001 apud Grubano, 2015) o esporte adaptado consegue trazer um novo sentido para a vida de vários atletas, além disso ele acaba desempenhando o papel de incluir a percepção de competência e identidade pessoal, identidade esta como atleta e não como deficiente físico.

Gorgatti (2005 apud GRUBANO, 2015, p. 01):

Além da melhora geral da aptidão física, o esporte adaptado auxilia em um enorme ganho de independência e autoconfiança para a realização das atividades diárias, além de uma melhora do autoconceito e da auto estima.

A atividade física vem trazendo uma realidade diferente ao deficiente, realidade está de uma inclusão social, garantindo para a pessoa com deficiência as mesmas condições através de adaptações, de praticarem uma modalidade esportiva como qualquer outra pessoa tida como normal possui (GRUBANO, 2015).

Silva et al. (2013), ressalta que o esporte adaptado está sendo utilizado como uma grandiosa ferramenta para a melhoria da inclusão social para pessoas com deficiência, sendo assim, podemos observar que o processo de inclusão social através do esporte adaptado posiciona-se na sociedade contemporânea como um importante meio e empoderamento de pessoas com deficiência, mas, diante disso, o componente competitivo lhe confere uma face excludente, na qual sujeitos são selecionados e acabam sendo comparados frente sua capacidade atlética, desta forma, o crescimento da importância social e do profissionalismo presente no esporte lhe confere um papel paradoxal frente à inclusão de pessoas com deficiência física.

Muitos estudos associam a pratica esportiva a benefícios, em relação a reabilitação, inclusão social e a saúde. E colocam também a importância da motivação a prática do mesmo, pois é no esporte que muitos atletas procuram se firmarem enquanto pessoas “normais”, usando o mesmo como uma ajuda para sua deficiência. Com isso podemos observar a ação inclusiva do esporte, pois o simples fato de estar praticando alguma modalidade esportiva já pode alterar o paradigma do deficiente, fazendo com ele se veja de uma forma diferente (Silva et al. 2013).

Para Teodoro (2006apud Mazzota, 2012) quando a pessoa com deficiência começa a ter sucesso com o esporte a sociedade em geral acaba reconhecendo que além de atleta o indivíduo simboliza um grupo ou uma característica que possui ou a que pertence, tornando-se motivo de orgulho para toda a população.

Silva et al. (2013), ressalta um importante fator em relação aos benefícios do esporte, o mesmo pontua que a pratica esportiva pode ser tida como um componente facilitador para inclusão social possibilitando que os atletas façam parte de grupos com pessoas que tem as mesmas condições que ele, tornando-se assim um ambiente propicio para que o mesmo se sinta à vontade e considere que seus feitos também são valorizados.

O autor ainda pontua que:

Outra questão relevante quanto à inclusão social diz respeito à representatividade política de pessoas com deficiência em órgãos de administração paralímpica. Atletas canadenses, norte-americanos, britânicos e israelenses apontaram o esporte como um meio de manifestação política das pessoas com deficiência, tanto como forma de posicionamento e exigência de melhores condições na sociedade como um todo, quanto dentro do próprio movimento paraolímpico (SILVA et al. 2013, p. 683).

Segundo Barrozo et al. (2012), é no contexto social que as pessoas adquirem suas habilidades e melhoram o seu desenvolvimento e é por conta da relação social que as pessoas atribuem significados e aprendem o que é típico e normal. Essa relação social é ainda mais para pessoas com deficiência devido as mesmas necessitarem de algumas condições apropriadas para melhorar o seu desenvolvimento. Sabemos que é dever dos órgãos e entidades do poder público garantirem os direitos básicos incluindo a cultura, desporto, turismo e lazer a todas as pessoas sem qualquer distinção.

Portanto quando há privações desses direitos é como se a liberdade das pessoas estivesse limitada e com isso a equidade nas relações sociais e fundamentais estão também sendo privadas à condição do ser humano (BARROZO et al. 2012).

Maciel (2000 apud SLONSKI et al. 2013) também cita que é necessária uma sociedade inclusiva onde todos os deficientes devem ter suas necessidades atendidas, pois é no atendimento das diversidades que podemos encontrar uma forma de reconhecimento dos direitos igualitários dos deficientes perante as pessoas

ditas normais. E para que isso aconteça, podemos considerar que uma das principais ferramentas para o processo de inclusão social é a inclusão escolar.

6. METODOLOGIA

6.1 TIPO DO ESTUDO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e Triviños (1987) ressalta que para muitos autores a pesquisa qualitativa é tida como uma “expressão genérica”, tendo como significado a compreensão de atividades de investigação que podem ser denominadas de específicas.

Para Neves (1996), a pesquisa qualitativa “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”.

Dentre as formas de organização da pesquisa qualitativa está se apresenta como um estudo de caso. Para Yin (2005, apud DEUS et al. 2010, p. 3), “O estudo de caso é uma investigação empírica, um método que abrange tudo – planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos. ”.

Nesta pesquisa realizaremos um estudo de caso do tipo história de vida, Negrine (2010) diz que esse tipo de estudo tem como base analógica centrar-se na descrição e análise e na interpretação e discussão das informações que foram coletadas do decorrer do processo investigatório, procurando entendê-la de uma forma contextualizada.

Para Triviños (1987) a técnica utilizada para a coleta de dados de uma pesquisa de história de vida é através de uma entrevista semiestruturada. Esta pesquisa pode ser realizada com uma pessoa que tenha alguma expressão perante a sociedade ou com uma pessoa de uma vila popular, como uma antiga professora na comunidade, por exemplo. Está pesquisa pode ser denominada como um estudo de caso aprofundado, pois o mesmo tem como intuito a adentrar e analisar a história de vida do pesquisado.

6.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Esta pesquisa será composta por 1 atleta paralímpico com expressão internacional da modalidade de atletismo da prova de lançamento do dardo, 1 técnico de atletismo sendo o mesmo específico do atleta pesquisado. Para comprovação do nível de expressão atlética do pesquisado será disponibilizado matérias de jornais e sites com suas marcas e ranking. (Apêndices A, B e C).

6.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados será feita através de entrevista semiestruturada:

É “semiestruturada” quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa. O instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa (MOLINA; TRIVIÑOS, 2010, p. 76).

Esta será realizada de forma aprofundada com o atleta foco da constituição da pesquisa, podendo se repetir mais de uma vez. Também será realizada uma entrevista com o técnico do atleta e será feito um levantamento histórico dentro do esporte com fim de obter as informações mais relevantes ao estudo. De uma forma que essas outras fontes possam dar mais densidade ao trabalho.

Triviños (1987, p. 136) ressalta que:

A entrevista não é a única técnica que se pode usar na "História de Vida". Usada ela como único instrumento, pode dar uma visão unilateral da pessoa, incompleta, ou falsa, devido a muitas razões. Por isso, é realmente útil, para ter uma concepção mais fiel da "História de Vida", revisar documentos, obras, realizar entrevistas com as pessoas vinculadas com o sujeito etc.

Assim, utilizaremos de outros instrumentos- entrevista com o treinador e matérias de jornais e sites- para dar concreticidade e verificar as fontes de informação fornecidas na coleta de dados pelo sujeito da pesquisa.

6.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

A pesquisa foi desenvolvida baseada na metodologia de história de vida com abordagem indutiva. Primeiramente será aplicado o termo de consentimento livre e esclarecido (com identificação do entrevistado), posteriormente será realizada a entrevista e a mesma terá sua aplicação de forma semiestruturada sendo aplicada em mais de um encontro.

Também foi realizada uma entrevista semiestruturada com o técnico do atleta e simultaneamente uma coleta de documentos que auxiliie na constituição da história de vida do atleta entrevistado como histórico de conquistas, consultando o ranking com as marcas do paratleta no site do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e no site do International Paralympic Committee (IPC).

6.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi efetuada através da análise de conteúdo de Laurence Bardin. Triviños (1987, p.160) se utiliza da citação da mesma, que diz:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

Este método presta-se:

[...]a estudar as motivações, atitudes, valores, crenças e tendências, para o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza (TRIVIÑOS, 1987, p.159-160).

Este método divide-se em três etapas, onde temos:

- A pré análise, que é a organização de todo o material coletado na pesquisa.

- A descrição analítica, onde há um estudo aprofundado no material coletado, embasado nas hipóteses e referenciais teóricos.

- A fase de interpretação referencial, que é a reflexão, a intuição, com embasamento nos materiais empíricos, que estabelecem relações, no caso da pesquisa sobre a função, do supervisor, com a realidade educacional e social ampla, aprofundando as conexões das ideias, chegando, se é possível a propostas básicas de transformações nos limites das estruturas específicas e gerais. (TRIVIÑOS, 1987).

7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

7.1 CARACTERIZAÇÃO DO ATLETA

O atleta chama-se Edevaldo Pereira da Silva, tem 34 anos, é casado com Vandercéia Mendes da Silva, têm um filho de 3 anos chamado Pablo Henrique Cestille da Silva Mendes.

Sua Mãe chama-se Lazara Aparecida da Silva e seu pai José Pereira da Silva, possui duas irmãs, uma de 36 anos que se chama Edilene Aparecida da Silva e outra de 21 anos que se chama Tayla Rita da Silva, e um irmão falecido, que hoje teria 24 anos, chamado Jhonatan da Silva.

O mesmo ressaltou que dentro de seu convívio familiar não tinha nenhum deficiente, mas que, tem um primo com paralisia cerebral, uma prima com síndrome de down e um outro primo que ficou deficiente físico no trabalho.

A deficiência do atleta foi diagnosticada logo quando o mesmo nasceu, ele teve uma deformação no membro inferior esquerdo e displasia na perna direita, proveniente segundo o mesmo de uma incompatibilidade sanguínea do pai e da mãe e de acordo com ele este problema só se manifestaria em fetos do sexo masculino, por conta disso o atleta perdeu um irmão que não chegou nem a nascer vivo, já as irmãs não desenvolveram nenhuma deficiência.

O atleta cursou o Ensino Médio completo e hoje trabalha como funcionário público.

O indivíduo é atleta paralímpico de atletismo cuja, prova que mais se destaca é o lançamento de dardo.

De acordo com sua classificação funcional o atleta está classificado para competir na categoria F44.

Seu técnico se chama Cléverson Oliveira, tem 42 anos, e fazem 3 anos que o treina. O mesmo é licenciado e bacharelado em Educação Física, filiado ao CREF (Conselho Regional de Educação Física).

Cléverson é ex atleta da Seleção Brasileira de Atletismo e possui grande experiência no esporte e desde formado sempre atuou como técnico de atletismo.

O atleta tem a melhor marca brasileira no lançamento de dardo sendo de 51,41m, segundo o ranking do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) (Apêndice A), e está em sétimo no mundo, sendo a marca de 51,41m, segundo o ranking International Paralympic Committee (IPC) (Apêndice B).

7.2 TRAJETÓRIA ESPORTIVA

O atleta começa falando que sempre praticou vários esportes, mas em um determinado momento começou a ter problemas no membro inferior que não tinha deficiência. Foi quando ele foi encaminhado a um médico ortopedista que diagnosticou que, além da deficiência no membro inferior esquerdo, o mesmo também tinha uma displasia no membro inferior direito. Este mesmo médico percebeu que o atleta gostava muito de praticar esportes, então o encaminhou até uma associação de atletas paralímpicos, onde o mesmo filiou-se e começou a praticar o paradesporto.

Eu sempre pratiquei esporte, futebol, vôlei, basquete, (ruídos), até que um dia minha perna direita que é a boa sem deficiência começou doer na altura do quadril, e no meu serviço eu comecei reclamar, eu fui indicado a um médico ortopedista, esse médico, (ruídos), ele di diagnosticou que eu não tenho deficiência em uma perna só, eu tenho nas duas, má formação no membro inferior esquerdo e displasia na perna esquerda, direita. E o mesmo médico que me, que disse que eu tenho essas duas deficiências me indicou o esporte paraolímpico, me indicou uma associação e eu fui nessa associação, me filiei, e até então, depois disso comecei treinar e competir e estou até hoje. (Atleta)

O esporte adaptado surgiu com intuito de proporcionar para as pessoas com deficiências uma nova forma de ver a vida, de abrir novos horizontes, de oportunizar novas perspectivas de vida, onde poderão vivenciar experiências motoras, psicológicas e sociais. O paradesporto possui os mesmos objetivos e as mesmas características dos esportes regulares sendo necessárias algumas adaptações que variam de acordo com as limitações e potencialidades de cada paratleta (BENFICA, 2012).

Como podemos perceber o atleta não conhecia o esporte adaptado antes de ser encaminhado pelo médico a uma associação de para desportos, percebemos que a má informação e a falta de visibilidade para o esporte adaptado pode

prejudicar a inserção dessa população no mesmo uma vez que, poucos conhecem os esportes paralímpicos o que também dificulta o acesso a novas atividades que podem ser consideradas muito importantes na vida de um deficiente que de acordo com Benfica (2012), o esporte adaptado surgiu com a intenção de auxiliar o deficiente, na sua reabilitação, sendo ela física, psicológica ou social.

Depois que se filiou a associação o atleta tinha que escolher uma modalidade a ser praticada onde tinham algumas opções, inicialmente pensou na natação, porém o atleta viu que não seria possível pois não havia um centro de treinamento apropriado na região, posteriormente veio o halterofilismo, mas o resultado seria um pouco mais demorado cerca de 2 a 3 anos, então não seria viável, pois ele queria obter resultados mais rapidamente, foi quando escolheu o atletismo. Primeiramente porque ele já gostava bastante do esporte e pensou que nesta modalidade ele poderia obter bons resultados rapidamente, isto iria variar de acordo com o potencial do mesmo. Ao escolher o atletismo, ele conheceu e optou pelas provas de lançamentos e arremessos, pois como tinha uma displasia na perna direita acha que não poderia correr e estas provas não iriam ser limitantes a sua deficiência.

O que me levou a praticar o atletismo, quando eu ingressei no esporte paraolímpico eu ingressei com o convite para natação, halterofilismo e atletismo. (ruídos) A natação eu moro muito longe de um centro de treinamento, para mim não dava certo, trabalhar e treinar todos os dias, num centro de treinamento, a questão era muito longe. (Ruídos) O halterofilismo resultado era muito longo, tinha que treinar, aí de dois a três anos para conseguir um resultado bom. (ruídos) E o atletismo não, o atletismo resultado era na hora, dependia do meu potencial, e eu preferi o atletismo por causa disso e e eu também pelo problema que eu tinha na perna direita, essa displasia, eu não poderia correr muito, então eu preferi a expor o atletismo, mais na área de arremesso, o lançamento, que não exigia tanto da corrida. Eu sempre gostei do atletismo, (ruídos), e por não poder correr muito eu preferi o esporte de arremesso e lançamento, que eu cheguei na treinadora e expliquei o meu caso, da minha deficiência não na perna esquerda, (ruídos), da má formação e sim na displasia que eu tinha na perna direita, então eu disse a ela que eu não poderia correr muito. Eu vim para o atletismo, mas não poderia correr, aí ela me indicou o arremesso, e o lançamento, que não exigia tanto da corrida. Por isso eu escolhi essa modalidade. (Atleta).

Na fala acima o atleta destaca que não pôde praticar a modalidade de natação por não haver centros de treinamentos adequados na região, a falta de acessibilidade o privou de praticar tal modalidade. De acordo com o Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, as pessoas com deficiência têm direito ao esporte e lazer, o que pode vir a proporcionar o estímulo aos meios que possam

facilitar a prática de atividades físicas e viabilizara acessibilidade às instalações desportivas adequadas para a prática destas atividades (BRASIL, 1999 apud BARROZO et al. 2012).

Por incentivo da associação o atleta foi direcionado a participar do Circuito Loterias Caixa de Paratletismo e logo na primeira vez que foi competir já conseguiu uma boa marca e assim obteve índice para ingressar no esporte paralímpico de forma profissional onde, participaria de 3 etapas do mesmo circuito por ano.

Deis de quando eu me filiei na associação, essa associação me propôs que eu participasse, do Circuito Loterias Caixa, (ruídos), então eu fui a primeira vez consegui uma marca, e depois dessa marca eu consegui índice para ingressar no esporte paraolímpico profissional, que é, são três etapas nacionais do Circuito Loterias Caixa Brasil Paraolímpico, e foi assim que eu ingressei no esporte profissional. (Atleta).

De acordo com Brasil (2011):

O Circuito Loterias CAIXA Brasil Paraolímpico de Atletismo, Halterofilismo e Natação, idealizado e criado pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB e patrocinado pela “Loterias CAIXA”, tem como objetivos coroar o desenvolvimento da prática desportiva nos municípios e estados de nosso País, contribuir para o aprimoramento técnico das modalidades em disputa e propiciar oportunidades de competição aos atletas de elite e aos novos valores do desporto paraolímpico brasileiro. Competição de maior representatividade em âmbito nacional para as referidas modalidades, credenciará os (as) atletas participantes ao pleito da Bolsa Atleta, programa de incentivo fiscal do Ministério do Esporte, se e somente se conquistarem o 1º (primeiro), 2º (segundo) ou 3º (terceiro) lugar em sua respectiva prova /categoria no ranking nacional final, que compreende todas as competições da fase regional e nacional do referido Circuito.

Atualmente a prova que mais se destaca é o lançamento de dardo que de acordo com o atleta, justifica-se porque sempre trabalhou na roça e isso o auxiliou a adquirir muita força nos braços. Quando o técnico viu o atleta lançando o dardo pela primeira vez já identificou que a prova do mesmo seria esta, que ele poderia fazer outras provas, mas que, a prova principal do atleta seria o lançamento.

Assim, a modalidade que eu mais se destaco é o lançamento de dardo, a adaptação minha foi muito boa no lançamento de dardo, que eu sempre trabalhei na roça, e tinha muita força no braço, até hoje eu tenho, então eu cheguei já no meu primeiro lançamento foi uma marca muito boa, ela se assustou e, e me indicou, falou, ó tua prova é o dardo, já que se não pode correr muito, se vai fazer arremesso e lançamento, mais tua prova principal é o lançamento de dardo. (Atleta).

O lançamento de dardo é uma prova que faz parte do atletismo, onde o atleta lança um dardo tentando alcançar a maior distância possível. Esse dardo tem

forma de lança e pode ser feito de fibra de vidro, de metal ou fibra de carbono (PACIEVITCH, 2006).

O atleta explica que já fazem quatro anos que ingressou no Paratletismo e sua rotina de treinamento desde então é de treinar de segunda a sábado sendo o tempo de duração de cada treino aproximadamente de 3 horas por dia.

Em dezembro de 2015 vão se fazer 4 anos já. Eu treino todos os dias, de segunda a sábado, mais ou menos umas três horas por dia. (Atleta).

O atleta ressalta que ao longo desses 4 anos como paratleta obteve grandes resultados e já participou de várias competições regionais, estaduais, nacionais e internacionais somando 70 medalhas, sendo 52 de ouro, 15 de prata, 3 de bronze. Sua melhor marca no Lançamento de Dardo foi no Campeonato Paranaense Paralímpico, onde ele lançou 52,03 metros.

A participei de várias competições, e a minha carreira esportiva é curta, tenho, ta se fechando o quarto ano de competição no paradesporto, mais eu já participei do Open Internacional de São Paulo, dois anos, participo, eu participo das três etapas nacionais do Circuito Nacional Loterias Caixa, tenho um regional do circuito também, Jogos Abertos do Paraná, convencional que eu consigo participar também, JAVIS - Jogos Abertos do Vale do Ivaí, Campeonato Paranaense, é Parajaps – Jogos Para desportivos do Paraná, até nesse último fim de semana tive competindo e consegui mais três ouros. Eu acho que essas são as competições que eu participei até hoje. Fora do País eu fui num Open Internacional da Argentina. Eu fechei o ano nesse final de semana agora com três ouros e completo 70 medalhas, devo ter ai umas cinquenta, cinquenta e duas de ouro, e daí o, deve ter ai umas doze, quinze de prata, e umas três ou quatro de bronze. A minha melhor marca no lançamento de dardo foi no Campeonato Paranaense paraolímpico, cinquenta e dois zero três. (Atleta).

Atualmente o atleta está em 1º lugar no Ranking Brasileiro na prova de Lançamento de Dardo, em 1º no Arremesso de Peso e em 3º no Salto em Distância na classe F44. Já no Ranking Sul-americano está em 3º lugar no lançamento de dardo e no Ranking Internacional em 7º lugar nesta prova.

No ranking brasileiro hoje eu estou em primeiro lugar no lançamento de dardo, e estou em primeiro nesse ano eu estou em primeiro no arremesso de peso, e em terceiro no salto em distância. No lançamento de dardo na América eu estou em terceiro lugar. Nu ranking internacional do IPC, que é do mundo, eu estou em sétimo lugar. (Atleta).

O atleta coloca que encontra algumas dificuldades para treinar, uma delas é não ter um técnico para que esteja com ele nos treinamentos diariamente, sempre treina sozinho. Ele vai para a cidade de Londrina 2 vezes por semana para treinar

com seu técnico e assim corrigir alguns erros que possa estar cometendo, principalmente para verificar como está sua técnica do lançamento. Os treinos de fortalecimento ele realiza em sua própria casa onde o possui uma academia.

Sim, eu não tenho um técnico para treinar comigo diariamente, e nem a, atletas para me acompanhar, eu treino sempre sozinho, mais, uma, duas vezes por semana eu vou lá em londrina pra fazer lançamentos e arremessos para, para ele ver como que esta minha técnica, e daí eu treino em casa, faço academia em casa, treino de campo, não específico do lançamento, mais treino de força, potência, musculação, e daí quando eu preciso desenvolver a técnica eu vou em londrina, faço uns lançamentos que eu preciso pra ele ver, e daí ele me corrigi, mais a maioria dos treinos eu faço em casa sozinho. (Atleta).

De acordo com o relato do atleta, podemos observar que o mesmo encontra algumas dificuldades, uma destas é a fato de o mesmo morar longe do centro de treinamento, e por conta de isso não possuir condições de treinar diariamente com seu técnico. Ressaltando que precisa se deslocar bastante para ter o treinamento apropriado. Estas dificuldades encontradas podem interferir no desempenho do atleta, pois de alguma forma se tornam um fator desestimulante para o mesmo. Passos e Faria (2014) aponta que, além das dificuldades decorrentes da deficiência em si, estas pessoas ainda encontram muitas dificuldades sociais, como a ausência de mão de obra qualificada, falta de materiais apropriados e necessários para o treinamento e também a falta de dependências qualificadas e transportes adequados (MATTHIESE, 2007 apud PASSOS E FARIA, 2014)

Até chegar ao ponto de treinar com seu professor por 3 anos o atleta treinou por um ano com uma estagiária que era supervisionada pelo mesmo.

Ele me treinando eu já estou a três anos. Não, quando eu comecei a treinar no, quando eu ingressei no paradesporto eu treinei com outra técnica, Fernanda de Souza, que era estagiária desse técnico, do Cléverson Oliveira, então eu treinei um ano com a Fernanda e depois passei treinar com o Cléverson. (Atleta).

Aproximadamente esse tempo também, não muito diferente disso. Que ele treinava com a Fernanda, que era uma, uma amiga minha, aí quando ela foi, ela tinha que mudar, ela mudou daqui, daí a gente acabou, começou a treinar junto. (Técnico).

Uns três anos eu acredito, é a ter, vai ser a terceira base que ele vai fazer comigo. É então, ele treinava com uma, ele treinava com uma atleta minha. Eu dava treino para uma menina e ela era treinadora dele. Ele, ele fazia parte da Adefil, e a Adefil treinava na UEL, e eu dava treino para alguns alunos da UEL, e essa menina era uma estagiária que começou a da treino para ele, então, foi através daí que a gente começo a, a treinar. (Técnico).

O técnico expõe que desde o início percebeu e comentava com sua estagiária que o atleta tinha um grande potencial e que o mesmo não sabia aproveitar. Ele também ressalta que o atleta tinha pouca noção de treinamento e apesar de sua experiência de vida por conta de sua idade ainda era muito inexperiente no atletismo.

É, eu achava que ele tinha um potencial muito grande, mais que ele não sabia aproveitar, (risos), eu falava, comentava mesmo assim, com a treinadora dele, falava, nossa ele é muito bom só que, fazia algumas coisas erradas sabe, não tinha muita, muita noção de treinamento mesmo, mesmo sendo, ele já era um pouco mais velho assim, tinha um né, ele tinha muita experiência de vida e pouca experiência com o atletismo mesmo, que ele jogava futebol tinha uma experiência boa. Então, mais como atleta mesmo a responsabilidade de atleta, a periodização, isso ele não conhecia quase nada. (Técnico).

O técnico também se considera muito exigente e diz que pode perceber que o atleta vem tendo uma boa evolução, mas que está evolução ainda está aquém do planejamento esperado. O objetivo do técnico é que o atleta chegue aos Jogos paralímpicos, mas para que isso aconteça a marca dele precisar melhorar. O mesmo pontua que acredita sim no potencial de seu atleta, que não vai ser fácil, mas que com bastante treinamento ele vai conseguir, pois desde quando o atleta começou, ele nunca baixou a sua marca, sempre evoluiu ou senão a manteve estabilizada.

Outro fator preponderante é que o atleta se leciona pouco e com isso o tempo de treinamento no ano é maios. Um fator negativo encontrado pelo técnico, é que apesar do atleta já ter certa idade, ele ainda é muito inexperiente quando o relacionamos com os atletas de alto nível, dado o pouco tempo de carreira do mesmo, pois segundo Valle (2003) o atleta de alto rendimento necessita adequar-se a uma rotina de treinamento e uma dieta muito regrada e que para conseguir chegar a alta performance o mesmo deverá ter um excessivo tempo de treinamento, o que ainda não é possível ao atleta estudado como ressalta seu técnico. Também foi salientado pelo técnico do atleta que devido os jogos paralímpicos serem no Rio de Janeiro e estar próximo, eles tiveram que acelerar um pouco o desenvolvimento do atleta para que ele possa alcançar um “degrau” a mais, e com isso conseguir alcançar um pódio olímpico.

(ruídos) Então, ele, eu sô muito exigente com os meus alunos assim, sabe, eu tenho uma postura, seja desde, da dos menorzinhos, lógico respeitando a individualidade, até os maiores. Então, ele, ele evoluindo assim, é, muito bem, mais sempre um pouco aquém do que a gente ainda, a gente planeja. Ele tem um planejamento anual assim, que a gente, o meu objetivo com ele

é chegar nos jogos olímpicos lançando acima dos cinquenta e cinco, e ele está com cinquenta e dois, né, não oficialmente numa competição aberta ele fez cinquenta e dois, na competição paraolímpica, ele fez cinquenta e um. É eu acredito muito no potencial dele, e se ele fizer isso, a gente chega em um pódio nos jogos olímpicos. Só que para chegar em um pódio nos jogos olímpicos tem que fazer antes dos jogos olímpicos. (Risos). Então assim, a gente está nesse processo, eu acho que ele vai evoluir, ele vem evoluindo a cada ano, a gente vem conseguindo melhorar a marca ou, estabilizada, assim a gente não cai. Agente tem muito pouca lesão, então ele é um atleta que consegue ler, assim, leciona muito pouco, e mesmo apesar da idade dele, ele é muito cru, cru assim, no sentido de, de ter pouco tem, tempo de treinamento, os atletas grandes atletas de alto nível demoram dez anos para atingir as melhores marcas, então, ele tem um, um, um, a gente teve que acelerar esse processo, por conta dos jogos olímpicos, dos jogos paralímpicos serem aqui no Brasil, mais eu acredito que, que ele vai evoluir, lá sim ele vai consegui atingir um patamar de alto, ele já tem um nível internacional mais ele precisa, um, um degrauzinho a mais pra, pra se fixar lá em cima mesmo. (Técnico).

Podemos perceber na fala do atleta que o mesmo tem o mesmo objetivo que seu técnico, que é de chegar a seleção brasileira e conquistar um pódio na Paralímpiadas do Rio de Janeiro em 2016. Esse é o grande sonho da vida dele, por conta disso ele se considera uma pessoa não realizada, que só estará realmente feliz e realizado quando conseguir alcançar este feito. Valle (2003) nos aponta que, para que o atleta consiga atingir seus objetivos, o mesmo deverá ter um enfoque em alguns aspectos motivacionais como sua motivação intrínseca e sua mentalidade vencedora.

Realizada ainda não, que eu tenho uma meta, eu acho que toda pessoa tem uma meta, e um foco, e a minha meta é a paraolimpíada 2016 no Rio de Janeiro, e eu não alcancei isso ainda, e seleção brasileira eu não alcancei ainda, então eu só vou me realizar depois que eu ser convocado para seleção brasileira, para disputar um sul-americano, um paraolímpico, uma olimpíada, enquanto isso não acontecer eu não vou ser uma pessoa realizada. O meu sonho como eu disse na pergunta anterior, é chegar em uma olimpíada, que eu acho que todo atleta sonha, antes de ser atleta eu já sonhava, sonhava em ser um atleta profissional e participar de uma, de uma Olimpíada, de um campeonato brasileiro no futebol, e hoje no paradesporto meu sonho continua de pé ainda, em ser convocado para uma seleção brasileira, defender o país em um mundial, defender o país em um parapan, defender o país em uma olimpíada, (ruídos) eu acho que se isso acontecer vai ser um sonho realizado. (Atleta).

O atleta acredita que suas chances de chegar a seleção brasileira e consequentemente aos Jogos Paralímpicos são muito boas, mas que isso depende dos critérios adotados pela CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro), pois ele usa como exemplo o Parapan e o Mundial de atletismo, onde ele estava em primeiro no ranking da América e em quarto no ranking Mundial e mesmo assim não foi convocado pela seleção para participar destas competições. Ele se sente um pouco

indignado, mas que tem esperança de ser convocado, pois os Jogos Olímpicos e Paralímpicos serão realizados em seu país, então ele acredita que tem grandes chances.

A chance é muito boa, creio eu, só que, tudo depende, de critérios que o CPB tem para fazer a convocação, é até esses dias aconteceu o, o parapan, eu estava em primeiro da América, não fui convocado em uma competição da América, teve o Mundial, eu estava com a quarta melhor marca no ranking mundial, não fui convocado também, agora por ser no Brasil eu acho que eu tenho grandes chances de ser convocado para seleção, e participar dos jogos paraolímpicos do Brasil. (Atleta).

Seu técnico usa o mesmo exemplo que o atleta usou para justificar a não convocação para o Parapan e para o Mundial. O técnico explica que os critérios adotados foram feitos baseando-se no ranking mundial e neste ele empatou com outro atleta brasileiro não sendo convocado, pois o outro atleta fazia uma prova a mais que ele. Essas são peculiaridades do paradesporto segundo o técnico, e não devemos contar com isso e sim garantir de forma direta sua vaga na seleção, pois o atleta tem condições para isso.

Então, é que os critérios, apesar de ser uma competição Panamericana, os critérios foram feitos baseados no ranking mundial, e no ranking do mundo ele, ele empatou em um critério com outro atleta, e o outro atleta fazia uma prova a mais, então assim, são peculiaridades da, da, da, da categoria, do, do paradesporto, por isso a gente não quer, nessas peculiaridades, a gente quer estar muito acima disso para você ir direto, e ele tem condições de ir direto. (Técnico).

Para chegar à seleção paralímpica e representar o país em uma Paralímpiada o atleta precisa estar entre os 30 melhores do Brasil, ele já figura entre os 50 atletas principais, porém ainda não é o suficiente para cumprirem a meta de estar na equipe principal.

Então, acho que a gente tem que pensar em um pódio olímpico, a olimpíada, primeiro a gente tem que ir né, a seleção paralímpica é uma seleção que, é, em um número x de alunos, de atletas que vão, isso é complicado, mais eu acho que ele vai está entre, provavelmente quarenta, trinta e cinco, quarenta atletas que vão estar nos jogos do Rio. Hoje ele estaria entre os cinquenta melhores do Brasil, ele tem que estar entre os trinta para conseguir vaga, se ele estiver entre os trinta ele tem grandes chances de ser pódio nos jogos olímpicos. (Técnico).

Algumas mudanças serão necessárias de acordo com o atleta para uma melhor evolução e dentre elas ele cita, morar mais perto do centro de treinamento para treinar em um lugar específico e com seu técnico. Atualmente no período de

férias o atleta passa o tempo todo (30 dias) no centro de treinamento, porém, para alcançar a vaga tão almejada terá que ampliar esses períodos para pelo menos 6 meses.

Sim, vou ter que fazer algumas mudanças sim, eu moro cento e trinta quilômetros do lugar que eu treino com o meu técnico, então todo ano eu saio de férias em dezembro, vou para londrina, aonde ele dá o treino de base, e faço um mês e meio de base com ele lá, fico a semana inteira e daí venho só sábado e domingo em casa. E esse ano vai ser diferente, eu fazer um mês e meio de base, e estou pensando em morar seis meses em londrina, leva meu trabalho para lá, deixar a família aqui onde eu moro e treinar esses seis meses lá (ruídos) para ver se eu consigo essa vaga paraolímpica. (Atleta).

Para seu futuro o atleta diz que pretende continuar no Paratletismo até quando seu corpo aguentar, ele coloca que tem 34 anos não sabe até quando isto tudo vai lhe proporcionar boa saúde então que, os planos são conseguir o máximo de títulos que puder no lançamento de dardo e quando não for mais possível competir, ele pretende partir para o tiro esportivo por ser uma modalidade que não requer muita condição física do atleta. Caso consiga ter o mesmo êxito no tiro esportivo, ele pretende encerrar sua carreira nesta modalidade.

Até onde meu corpo aguentar, (ruídos) eu tenho 34 anos hoje e não sei até quando o atletismo paraolímpico vai me proporcionar boa saúde, bom desenvolvimento no esporte. Então a minha intenção é a seguinte, é conquistar o que eu conseguir no, no Paratletismo, e quando meu corpo falar chega, você não aguenta mais, eu pretendo ingressar no, no tiro esportivo, que é uma modalidade que tem no, no paraolímpico, e eu pretendo ingressar, no, no tiro esportivo, e se der certo igual está dando no atletismo, aí eu pretendo encerrar a minha carreira no tiro esportivo, mais a idade não, não tem idade, até onde eu aguentar eu quero praticar esporte. (Atleta).

Quando não puder mais praticar esporte de forma competitiva o atleta pretende se engajar em projetos relacionados ao esporte com crianças carentes dentro de sua comunidade e em outras também. Ele pontua que tem muitas pessoas com capacidade de ser atletas ou paratletas de alto nível e que estão “perdidas” na sociedade e são estes projetos irão tentar resgatar estas pessoas e descobrir talentos voltados aos esportes.

Quando eu não conseguir praticar o esporte, eu pretendo desenvolver projetos, que, que ajude crianças carentes, pessoal de escolas. Hoje eu já comecei a dar palestras sobre a minha vida esportiva. Eu pretendo desenvolver projetos que ajude nas escolas o pessoal que não tem oportunidade de praticar esporte, talvez tem muita gente aí que está perdido, tem atletas e paratletas perdidos aí, que não, não conhece o esporte (ruídos), e eu pretendo desenvolver esses projetos, levar o esporte

para crianças carentes da minha comunidade e de comunidade de fora também. (Atleta).

Quando falamos em aposentadoria de atletas de alto rendimento, podemos considerar que há pontos negativos e positivos, vantagens e desvantagens, onde vai depender de como o atleta vai enfrentar esta transição para uma nova fase de sua vida. Alguns atletas sentem que nesta nova fase, eles devem repor toda a atenção que deixaram de dar para seus amigos e principalmente para sua família. Alguns ainda sentem tanto quando se aposentam que tentam de alguma forma continuar ligado ao esporte, como técnico ou meios administrativos (BRAZUNA; CASTRO, 2001), ou até então como no caso do atleta estudado, fazer projetos que insiram a população em geral no meio esportivo, sendo como rendimento e também como apenas qualidade de vida.

7.3 O ESPORTE COMO QUALIDADE DE VIDA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) qualidade de vida é a percepção que o indivíduo tem sobre a sua posição no meio em que vive, incluindo cultura e sistema de valores, tendo como base seus objetivos, perspectivas, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL GROUP, 1994apud FLECK, 1998). A OMS também coloca que para conceituar corretamente o termo Qualidade de Vida, temos que conhecer uma série de 23 itens conjugados, e que a maioria deles estão diretamente relacionados com atividade física em si (GOLDNER, 2013).

Qualidade de vida pode ser entendida como uma maneira de obter benefícios, sendo eles gerais ou específicos, onde os mesmos englobam os diversos aspectos formadores do ser humano (GOLDNER, 2013), sendo assim o atleta destaca que encontrou no esporte uma forma de melhorar seu desenvolvimento e seu desempenho físico, ele cita que já tinha um porte físico muito bom, pois vinha da roça, onde já fazia um trabalho forte, mas que, foi no esporte que ele encontrou uma forma de desenvolver suas capacidades motoras, fortalecer sua musculatura e suas articulações e com isso diminuir suas dores.

O esporte em si me ajudou muito, sempre fui criado na roça, (ruídos), sempre trabalhei no pesado, então meu corpo já vem bem estruturado já desde criança, (ruídos), mais o esporte me ajudou a desenvolver a minha

musculatura, a parte de coordenação motora, o esporte me ajudou e está me ajudando muito ainda, a parte de musculação, eu sempre tive problema no joelho, no joelho direito eu sempre tive problema, então o fortalecimento de músculo, o desenvolvimento da minha musculação me ajudou muito na parte de articulação, sempre tive esses problemas e depois que eu comecei treinar forte, ser um atleta profissional me ajudou muito, tiraram muito minhas dores, eu sentia dor no quadril, que é a outra deficiência que eu citei no começo da entrevista, depois que eu comecei a treinar e se uma paratleta profissional essa dor diminuiu ai um 70%, porque a musculatura fortaleceu muito. (Atleta).

Segundo Alves e Lima (2008), os benefícios da atividade física são muito evidentes em todos os sistemas e órgãos do nosso corpo, principalmente no sistema muscular, pois a atividade física apropriada aumenta a massa muscular, aumenta e desenvolve a força e a resistência do músculo do indivíduo.

O atleta também fala que se não fosse um atleta profissional, talvez não teria o mesmo desenvolvimento e o mesmo físico que tem hoje, mas ressalta que como já praticava várias atividades físicas levaria isso para o resto de sua vida, porém fazendo por diversão não desenvolveria sua musculatura como a que tem atualmente.

Pode ser que sim, pode ser que não, porque antes de ser um atleta profissional no paradesporto eu já era um atleta, sim, eu era uma atleta de finais de semana, brincava ai, eu brincava, eu jogava bola, eu me divertia, mais não tinha um profissionalismo, uma musculação, não tinha nada, então creio eu que não, nem tanto como eu sou hoje, que hoje eu sou um atleta desenvolvido, com uma musculatura desenvolvida, por causa da musculação, do fortalecimento, treino de potência, força, explosão, então creio eu, que na maioria não, eu acho que não, porque se eu não fosse um atleta profissional eu acho que eu não iria fazer um desenvolvimento muscular, igual eu faço hoje.(Atleta).

Quando perguntado se ele se considerava saudável, o atleta disse que sim, que sempre teve uma saúde muito boa, pouquíssimas vezes precisou ir ao médico e todos os treinos que seu técnico passa ele consegue realizar sem muita dificuldade em relação a sua disposição e a disposição de seu corpo. Christopher Boorse (1977 apud GOLDNER, 2013) pontua que algumas pessoas definem saúde como a capacidade que o nosso corpo tem de regenerar-se de doenças, outros que é o poder que o corpo tem de nunca adoecer, e outros ainda, que simplesmente é a ausência de doenças dentro de um corpo, assim, seguindo estes preceitos podemos caracterizar um corpo saudável, e isto tudo está relacionado com que o atleta relatou.

Sim, eu me considero muito saudável, graças a Deus é difícil eu ir no hospital, procurar um médico, uma gripe, uma infecção, ou qualquer outro tipo de doença, o que eu tenho é essa minha deficiência, graças a Deus não me atrapalha em nada, então eu me considero uma pessoa muito saudável. (Atleta).

O porque é difícil dizer, eu só sei dizer que é, eu me sinto uma pessoa saudável porque minha saúde é muito boa. Professor me passa o treino eu faço inteiro, eu nunca reclamo do treino, meu corpo nunca está indisponível para, para praticar de esportes, então acho que isso me leva a crer que eu sou uma pessoa saudável. (Atleta).

O atleta ressalta também que nunca se considerou um deficiente, que por mais que ele possua esta deficiência a mesma não o atrapalha em nada e que sua limitação não chega nem perto de outras deficiências, como por exemplo não ter um membro, não poder caminhar ou ser um cadeirante. O atleta cita que só se considera um deficiente quando ele vai atrás de seus direitos perante a sociedade em geral. Podemos notar então que o mesmo, tem uma ótima autoestima, e isso melhora muito sua qualidade de vida, pois, segundo Goldner, (2013) a atividade física proporciona uma melhora na autoestima do indivíduo, elevando a confiança e melhorando sua qualidade de vida. O atleta acredita que sua autoestima só aumentou quando começou a atingir bons resultados e até recordes, e que seus amigos e sua família foram essenciais para esse aumento.

A maioria das vezes eu nunca me vi um deficiente, eu nunca me considerei um deficiente. Eu só me considero um deficiente quando eu vou atrás dos meus direitos, mais eu nunca me considerei um deficiente, porque a, é deficiente quem quer, eu acho que a minha deficiência não é nada em vista do pessoal que é cadeirante, que não pode andar que não tem um braço. Graças a Deus eu tenho os membros, é, é menor o membro inferior, teve má formação, mais eu tenho o membro. Então nunca me considerei uma pessoa deficiente, e a minha autoestima é ma, aumentou muito depois que eu comecei a praticar o esporte profissional paraolímpico, a minha autoestima aumentou muito, não só a minha autoestima que o pessoal que é conhecido, minha família, meus amigos elevam muito minha autoestima, que eu, depois que eu comecei competir eu adquiri bons resultados, inclusive recordes brasileiro, r isso eleva qualquer autoestima. (Atleta).

Para reforçar esta fala do atleta, temos também um relato de seu técnico onde cita todos esses pontos que o atleta já apresentou, sobre não se considerar deficiente, sobre a relação do aumento de sua autoestima depois que o mesmo começou a ter bons resultados e a ganhar as competições que participava e que ainda participa.

Então, o Edevaldo sempre foi um cara bem resolvido assim, em relação a isso, ele não tem o perfil, aí, e existi isso no, paradesporto, do, do aquele atleta meio coitadinho assim, a eu tenho uma deficiência então, não, ele nunca teve isso, ele sempre foi muito determinado e nunca ficou utilizando a

deficiência dele como algum pretexto para, para ser mais fraco ou mais forte que os outros, não, ele sempre encarou muito bem. Então assim, a autoestima dele já é boa, eu acho que melhorou um pouco mais por conta de, de você atingir alguns resultados, de, de, de chegarem algumas, algumas competições, chegar em um nível um pouco mais alto, você melhorar mais sua autoestima. Quando você vai para uma competição, e você é o terceiro, quando você vai e ganha, sua autoestima melhora, e ele está ganhando tudo no Brasil. (Técnico).

O atleta coloca que o principal benefício que o esporte lhe trouxe, foi o respeito, que é através do respeito que podemos melhorar nossa interação com a sociedade em geral. Também que o respeito está diretamente relacionado com a união, a amizade e com tudo que ele tem de melhor em sua vida atualmente. De acordo com este relato, Brasil (2013) pontua que é através do esporte que vários valores éticos, sociais e morais são trabalhados, como a socialização, o respeito mútuo, a solidariedade, a cooperação, a disciplina, o espírito coletivo, entre muitos outros valores que são considerados fundamentais para o desenvolvimento e formação integral do indivíduo.

Benefícios geral, primeiramente o respeito, não só o atletismo mais o esporte em si, no geral traz o respeito, a amizade a união, eu acho que o esporte me traz isso tudo e, o esporte me traz muitos benefícios, se for para mim falar aqui eu vou ter que falar tudo que eu tenho de bom na minha vida hoje, a maioria delas foi o esporte que me trouxe. (Atleta).

Podemos notar que o atleta simplesmente relaciona a todo momento o esporte com coisas benéficas, o esporte como produtor de benefícios. Para Goldner, (2013) a atividade física encontra-se diretamente e indiretamente ligada a qualidade de vida, pois a atividade física é benéfica na disposição diária do indivíduo, principalmente melhorando seu humor que é um dos fatores primordiais para uma melhor interação social, e isso acaba resultando em uma melhor qualidade de vida.

7.4 INCLUSÃO SOCIAL

Para Mazzota (2011), a inclusão social pode ser conceituada como a participação efetiva e ativa em vários grupos de convivência social. Já Sheppard (2006 apud BORBA; LIMA, 2011) afirma que, a inclusão social é uma certa procura de estabilidade de uma cidadania social, afirmando que todos os cidadãos têm os mesmos direitos, independente de etnia, fatores estéticos e financeiros, colocando

ainda que a inclusão social tem a preocupação de propiciar e manter o bem-estar de todos os indivíduos que estão inseridos em uma sociedade. A inclusão social tem como característica um englobamento de todos os direitos, como segurança, educação, lazer, esporte, saúde, entre outros (SEN, 2000 apud BORBA; LIMA, 2011).

Em relação a inclusão o atleta começa relatando que nunca teve problemas nas aulas de educação física, pois nunca precisou de algum auxílio ou de alguma adaptação, tanto no espaço escolar quanto nas atividades aplicadas nas aulas, ele afirma que nunca teve problemas de locomoção e que tinha pouca dificuldade na coordenação motora, ressaltando que era um aluno exemplar nas aulas de educação física, pois além de não precisar de nenhuma adaptação e nenhum auxílio gostava muito de praticar esportes e que foi graças as aulas de educação física que não teve muita dificuldade de adaptação nos treinos, quando ingressou no paradesporto.

Minha participação na educação física da escola era muito boa, eu nunca tive dificuldade de locomoção, de coordenação motora, eu tinha um pouca, pouca dificuldade na coordenação motora, então a minha deficiência nunca me atrapalhou na pratica de educação física, e sempre fui um aluno exemplar na área da educação física, no esporte, tudo que a professora me pedia eu fazia, minhas notas sempre foram boas, então eu nunca tive dificuldade na educação física e isso, isso me ajudou muito por que, quando eu entrei no paradesporto eu já era um atleta, já vinha da educação física, (ruídos) e ai vinha do, da pratica do futebol, então já vinha com a força, fácil adaptação foi muito fácil no paradesporto, então com a aula de educação física me ajudou muito. (Atleta).

Pensando nessa ótica do atleta, podemos perceber que o mesmo não teve problemas em relação a inclusão social, isto pelo menos nas aulas de educação física. Como complemento o atleta ainda coloca que teve sim discriminação por conta de sua deficiência, mas que isso nunca aconteceu no ambiente escolar, que os professores tinham uma certa preocupação em relação a ele se machucar nas aulas, mas que mesmo assim ele sempre participou de tudo e que os professores sempre o tratou com igualdade.

Sim, minha deficiência nunca me prejudicou em nada, tive discriminação na minha vida sim, mais na área escolar nunca. Eu sempre pratiquei muito esporte, então o pessoal nunca chego em mim e falou assim, ó tua deficiência se não pode fazer educação física, eles tinham medo sim, tinham medo de me machucar, mas sempre me trataram com igualdade. (Atleta).

De acordo com este relato, Tatsch e Da Silva (2012) pontua que a escola de hoje tem que ser uma escola inclusiva, não como antigamente, que era considerada uma escola segregada. Com isso a escola tem que aceitar todos os alunos, aceitando suas diferenças e necessidades e se necessário adaptando-se de acordo com as necessidades encontradas. E que essas adaptações têm de ser não somente no espaço físico, mas também nas atividades que serão propostas e que todas as pessoas que estão inclusas neste meio se conscientizem e mudem principalmente seus conceitos, para que haja igualdade entre todos.

Ao falar sobre a discriminação no meio esportivo o atleta lembrou que quando ia jogar futebol com as pessoas “ditas normais” ele se sentia discriminado pois, escutava comentários de que estaria ali somente para completar o time. Mas quando os jogadores adversários percebiam que ele não era apenas um “completa time” e jogava muito bem, apelavam para agressão psicológica o chamando de manco ou de outras coisas parecidas, porém, como ele era muito bem resolvido sempre tentava relevar, mas como ainda era menino muitas vezes não aguentava e queria partir “para cima” dos que estavam o discriminando necessitando da interferência dos amigos e família para conte-lo.

Muitas vezes eu já fui discriminado, principalmente no esporte, porque o atleta (ruídos) vê um cara manco entrando em campo para jogar bola, primeira coisa que ele fala que colocaram um manco para completar o time. Geralmente acontecia isso comigo, então o pessoal não me valorizava, e aí o que acontecia, eu graças a Deus sempre joguei bom, bem futebol, fazia dois, três gols e daí o pessoal via que aquele manquinho não era um simples manquinho que estava completando time, e, e muitas vezes isso me ajudava, só que muitas vezes me prejudicava, porque, quando eles não conseguiam me pegar na bola eles iam no meu psicológico, e eu como era moleque, não estava preparado psicologicamente pra certas situações, então eu fui muito discriminado, e, e o pessoal discriminava na maioria das vezes nessa área da minha deficiência, e muitas vezes eu levava na boa, eu consegui controlar meu psicológico e acabava na boa, mais aí teve muitas vezes que eu parti pra ignorância, meu psicológico explodiu, num aguentei a pressão foi muito grande, minha família precisou entrar no meio para, para parar a confusão, meus amigos queriam brigar com quem estava me descriminando, então eu já fui muito descriminado no esporte sim. (Atleta).

De acordo com a teoria, com os estudos já realizados, não era isso que deveria acontecer, pois, segundo Freitas (2000), o esporte em si é tido como um processo social que proporciona relação e interação social, com isso, o esporte enquanto pratica social proporciona oportunidade de visualização e informação de possibilidades que são necessárias para estimular indivíduos a compor os grupos

sociais. Fazendo do esporte uma maneira de vincular todas as pessoas, sem nenhuma distinção, a interagir e a socializar em prol de um objetivo.

Silva et al. (2013), ressalta também, que o esporte é um importante fator quando pensamos em obter benefícios, pois, a pratica esportiva também é tida como um importante componente facilitador para inclusão social, pois, possibilita que os atletas façam parte de grupos com pessoas com as mesmas condições que ele, tornando-se assim um ambiente propicio para que o atleta se sinta à vontade e que considere que seus feitos são também valorizados.

Diante desses relatos do atleta, podemos observar uma determinada contradição, pois o mesmo coloca que não sofreu nenhum preconceito no decorrer de sua vida, mas na fala acima relata uma manifestação de preconceito que sofria em sua adolescência. Uma forma de tentar entender esta contradição é que, os fatos relacionados a preconceito sofrido no decorrer da vida do atleta foram tão poucos que o mesmo não os considera relevante, por conta disso que quando questionado de maneira geral o mesmo relata que não teve problemas com preconceito, mas se este questionamento for feito de uma forma mais aprofundada, aí sim o atleta expõe alguns relatos mais expressivos de preconceito sofridos em sua vida.

O atleta coloca também que sempre sonhou em ser um jogador de futebol profissional, mas que isso nunca foi possível, pois tinha medo de ir fazer algum teste ser aprovado, pois o mesmo jogava muito bem, mas o técnico dizer que não seria possível, por conta da sua deficiência. Ele pontua que se isto acontecesse iria abalo-lo muito, então que a deficiência sempre o privou disso. Mas, o mesmo ressalta também que a deficiência que o privou de ser um atleta profissional no futebol, o fez ser um atleta profissional no Paratletismo.

Eu sempre sonhei em ser um atleta profissional, mais a minha deficiência nunca me deixou, eu nunca fui testado no futebol, eu nunca tive essa vontade, eu sempre tive vontade de ir mas eu nunca tive coragem, que eu tinha medo de chegar em um, em um treino, em uma peneirada, em um teste, e ser aprovado e o (ruídos) treinador chegar e falar, falar, ó você não pode, ser não, você passou no treino, só que eu não posso te levar por causa da sua deficiência, então isso iria me abalar psicologicamente muito, então eu não tinha essa coragem, mais eu sempre sonhei em ser um atleta profissional, e a mesma deficiência que não me deixou ser um atleta profissional no futebol me fez um atleta profissional no Paratletismo, no paradesporto. (Atleta).

Já em relação à sociedade em geral, o atleta ressalta que não tem problemas em sair de casa, em ficar em público, pois na maioria das vezes ele sai

de calça e com isso sua deficiência não fica a mostra, então as pessoas não percebem. Mas, também pontua que não tem problemas em sair de calção (shorts), mesmo que sua deficiência fique a mostra. Ele diz que algumas pessoas ficam olhando, alguns acham estranho e algumas até perguntam o que aconteceu, porém ele leva isso numa boa, não tem problemas em explicar para as pessoas que é deficiente e o que o tornou assim. Ele diz que consegue agir com naturalidade.

Na sociedade nem tanto, porque sempre quando a gente vai sai para sociedade, sai de calça e a minha deficiência não, se eu tiver de calça pouca gente sabe que eu sou deficiente. Quando eu saio de calção que eu não tenho vergonha nenhuma, eu saio para qualquer lugar de calção, o pessoal passa olhando, mais nunca chegaram assim, me perguntar, me discriminar por eu ter aquela perna, muita gente pergunta, o que você tem na tua perna, o que aconteceu, como que você nasceu, e tal, e daí eu explico numa boa, tem muita gente que vem num jeito carinhoso perguntar o que aconteceu e eu explico na boa, eu tenho até orgulho de explicar sobre a minha deficiência. (Atleta).

É eu dou risada, geralmente o pessoal como eu disse, quando eu estou de calção, de shorts o pessoal olha para minha perna, passa acha estranho, mais não me sinto mal, eu sempre procuro agir numa boa, não demonstra que, que eu estou sendo visto, eu sempre vejo o pessoal fica olhando para minha perna, mais eu ajo com naturalidade. (Atleta).

Segundo Silva (2006) as pessoas deficientes causam uma certa estranheza a primeiro contato quando sua deficiência é visível, e que esta estranheza pode manter-se a longo prazo, mas que isso vai depender do tipo de interação e dos componentes que nela estão presentes.

Ele ressalta que não tem problema algum em frequentar locais públicos, como já foi dito acima e que só não o faz mais por conta de sua vida “corrida” e por conta de seu trabalho e rotina de treinamento.

Eu frequento sim outros locais públicos, quando dá tempo, porque a minha vida é trabalhar até as três e meia da tarde (ruídos) e treinar até de noite e geralmente eu estou muito cansado, eu tomo banho, tenho família, tenho um filho de dois anos e nove meses, então é complicado eu frequentar muitos locais públicos sem estar do lado dele, então eu, eu chego do treino em casa até a finalização do meu treino é em casa, na academia que eu tenho em casa, então eu acabo meu treino em casa, tomo um banho, algumas vezes frequento locais públicos com a família, quando dá tempo e quando, quando eu posso frequentar. (Atleta).

Na infância o atleta coloca que nunca sofreu devido sua deficiência, que as pessoas de seu convívio sempre o trataram bem. Ele relata que descobriu a pouco tempo que sua mãe sim, sofria por conta da sua deficiência.

A minha infância até não foi tão complicada porque, agora pouco tempo, ano passado que eu fiquei sabendo que minha mãe sofria pela minha deficiência, mais eu nunca sofri por causa minha deficiência, na infância não, em casa, nas ruas, na minha cidade, o pessoal sempre me tratou bem. Então eu acho que eu não tive grande sofrimento com minha deficiência na infância não. (Atleta).

Já na adolescência o atleta diz que sofreu bastante preconceito, alguns apelidos que o deixavam mal, mas que sempre conseguia lidar com a situação. De acordo com Silva (2006), o preconceito contra pessoas com deficiência é tido como uma forma de negação social, uma negação daquilo que é de alguma forma diferente dos parâmetros tidos como normais pela sociedade em geral.

E em relação as namoradas ele coloca que nunca teve problema, que inclusive sua esposa o conheceu jogando bola então, conseqüentemente já identificou sua deficiência, mas que isso não foi empecilho para os dois se conhecerem se identificaram e ficaram juntos até hoje. A família de sua esposa também o conheceu da mesma maneira e nunca tiveram preconceito ou algum problema por conta de sua deficiência.

Já na adolescência surgiram alguns apelidos, que me maltrataram um pouco, me prejudicaram um pouco, mas, graças a Deus eu consegui lidar com a situação. E quanto a namorada, nunca tive problema também. (Atleta).

Sim, eu tenho uma esposa. E eu conheci ela jogando futebol, sempre sai para fora da minha cidade jogar futebol, e eu ia direto na cidade dela jogar futebol, e ela me viu já está, a primeira vez que ela me viu, ela já identificou a minha deficiência, e não atrapalhou em nada não, ela me conheceu, gostou de mim, e a gente namoro e hoje estamos casados. (Atleta).

A família dela também me conheceu jogando bola, e não teve, nunca teve preconceito. (Atleta).

7.5 MOTIVAÇÃO

Para Vernon (1973 apud TODOROV; MOREIRA, 2005) o conceito de motivação pode ser definido como uma força que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes, contudo, motivação pode ser considerada um tipo de experiência intrínseca, um fenômeno no meio interno que pode modificar de certa forma o meio externo. Mas como é um sentimento, a mesma não pode ser estudada diretamente, pois, como “sentimos” ninguém pode observar.

Já para Bzuneck (2004 apud TODOROV; MOREIRA, 2005, p. 123):

A motivação tem sido entendida ora como um fator psicológico, ou conjunto de fatores, ora como um processo. Existe um consenso generalizado entre os autores quanto à dinâmica desses fatores psicológicos ou do processo, em qualquer atividade humana. Eles levam a uma escolha, instigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um objetivo...

De acordo com Isler e Machado (2011), a motivação é um fator muito importante quando pensamos em qualquer atividade física, ainda mais, quando a mesma está voltada ao auto rendimento, pois é através dela que o atleta vai tirar suas principais forças para poder chegar a sua meta.

Como podemos perceber, motivação é um termo muito complexo e que não pode ser ignorado quando pensamos em esporte como rendimento, onde cada autor, tem sua definição e sua forma de tentar explicar a mesma, pois, como explicar corretamente um fenômeno que sentimos, e com isso, que varia de indivíduo para indivíduo (ISLER; MACHADO, 2011).

Podemos perceber alguns pressupostos interligados com o conceito de motivação já no início na carreira esportiva do atleta, onde o mesmo começa dizendo que nunca teve um retorno do esporte, que o mesmo nunca o proporcionou nada mais do que uma ação para o lazer, mas reforça que quando chegou em casa depois do teste que ele tinha feito e falou que tinha o desejo de ingressar no paradesporto, que o técnico e os outros atletas que estavam no teste o animaram muito dizendo que ele tinha condições de ser um grande campeão como um atleta paralímpico, sua família e seus amigos logo o apoiaram e o incentivaram a tentar e que não poderia perder esta oportunidade.

Sim, eu tive muito incentivo por eu sempre gostar do esporte, sempre praticar o esporte, e na minha prática de esportes antes de, antes do paradesporto eu nunca tive retorno e a minha família me animou muito me incentivou, pediu para que eu continuasse, eu cheguei em casa depois do teste que eu fiz, falei da minha vontade que eu tinha de ingressar no paradesporto, do que o pessoal da pista de atletismo falou, que meu treinador falou, que eu tinha chance, que não era para mim desistir. Meus amigos também quando eu contei pediram, me deram força, falaram que era para não desistir que iria dar certo, que uma hora eu iria representar o Brasil, então eu tive muita força dos meus amigos e principalmente da minha família. (Atleta).

O incentivo da família torna-se muito importante no desenvolvimento de um atleta, como o mesmo já relatou acima. De acordo com Souza et al. (2011), a família é a primeira sociedade em que o indivíduo está inserido, então o mesmo

deposita nela uma enorme confiança, por conta disso, a família é responsável da formação de sua identidade, sua autoestima e principalmente da sua motivação, colocando a motivação familiar como um importante fator para que o atleta consiga vencer os obstáculos encontrados e com isso obter êxitos e muitas conquistas.

O atleta ainda cita que além da importância da motivação vinda da família e dos amigos, o mesmo busca uma motivação em seus ídolos, como Pelé, Ronaldo e Ayrton Senna, atletas profissionais de ponta. Mas que a sua maior inspiração e motivação é na superação encontrada nos paratletas, nos atletas do paradesporto do Brasil e do mundo.

Eu sempre fui, eu sempre gostei do esporte, eu acho que todo atleta de alto nível sempre me incentivou a ser um atleta, eu sempre me inspirei, no um Ayrton Senna, Pelé, Ronaldo Fenômeno, atletas de ponta, de nome, que se saíram bem no Brasil e no mundo, mais e, eu mais me inspirei na superação que os atletas do paradesporto, (ruídos), desenvolvem no Paratletismo, no para natação, para halterofilismo, todas as competições que eles participam, eu acho, eu fui inspirado no, no paradesporto mesmo a pratica o paradesporto, que eu já praticava o desporto, e quando eu me ingressei no, no paradesporto, eu fui muito incentivado em ver a superação que esses paratletas, dê, de, demonstravam na pista de atletismo ou em qualquer modalidade que disputavam, então quem me motivou mais foi o, os paratletas do Brasil e do mundo. (Atleta).

Do mesmo modo que o atleta cita pontos positivos, pontos que o motivam no paradesporto, o mesmo também ressalta pontos que de certa forma se tornam muito desmotivante, como a questão financeira. Ele aponta que já podemos perceber a falta de apoio no esporte regular, então nem imaginamos como é no esporte paralímpico, as dificuldades são muito maiores, pois é pouco visto, a mídia não dá o devido valor e com isso os paratletas encontram muitas dificuldades para se manter no esporte. Como ele mora em uma cidade bem pequena o mesmo não tem onde treinar e nem com quem treinar então, ele ter que se locomover cerca de 260km por dia e tal custo acaba pesando em seu orçamento, porém nem isto o faz perder a vontade de praticar o paradesporto.

A dificuldade maior é a financeira, todo mundo sabe hoje que o apoio no esporte já é difícil, não é fácil, no esporte normal, regular, convencional, e no esporte paraolímpico a dificuldade é maior ainda, porque é pouco visto, então acho que o incentivo por parte financeira é muito difícil, e quando tem é pouco, então acho que a dificuldade que, que eu tenho de me manter no esporte, a maior delas é a financeira, e eu moro em um lugar bem pequeno também, com, muito complicado para treinar, na maioria das vezes eu treino sozinho, (ruídos), eu tenho que viajar 260 km para treinar com o meu técnico, então essa é uma dificuldade grande também para mim me manter no esporte, mais nem isso me faz perder a, a vontade de praticar o esporte. (Atleta).

Percebemos no relato do atleta que sua automotivação é muito importante para que o mesmo continue no esporte, pois as dificuldades encontradas são grandes. Para Oliveira (2008), uma pessoa auto motivada traz consigo uma força de realizar seus objetivos, força está, que vem de dentro para fora, do meio intrínseco para o meio extrínseco. Uma pessoa auto motivada tem metas e objetivos a serem cumpridos, muitas vezes com muita luta, mas que esses objetivos se tornam a própria motivação do indivíduo.

Que eu gostaria de dizer, é que essas pessoas que tem deficiência, que não se deixe levar pela deficiência, que sempre procure superar os seus limites, que tenham meta na sua vida, tenham foco, tenham fé, e como eu disse no começo, só é deficiente quem é, quem quer, e eu nunca quis ser um deficiente, nasci com a deficiência, mais ela nunca me atrapalhou, ao contrário, ela sempre me ajudou. Então espero que todo mundo que tenha deficiência pense assim como eu, que a deficiência só veio para ajudar. (Atleta).

O atleta ainda reforça acima que as pessoas que são deficientes não devem se considerar deficientes elas devem ter metas em sua vida, objetivos a serem cumpridos, só assim poderão superar os limites impostos pela deficiência, pois como ele diz a deficiência para ele veio só para o ajudar. Percebemos que o atleta não se considera um deficiente, pois o mesmo se vê capaz de realizar as mesmas atividades que uma pessoa dita normal. O olhar de pessoa deficiente parte das pessoas ditas normais, pois os próprios “deficientes” não se consideram inferiores desta maneira, e um grande exemplo que os faz ser eficientes é a inserção no esporte, pois como uma atleta é capaz de atingir um determinado objetivo dentro de sua modalidade, o paratleta tem as mesmas condições de atingir o êxito almejado. Quando citamos a palavra atleta a mesma nunca vem acompanhada de detalhes sobre os indivíduos, o esporte nivela as potencialidades e limitações.

7.6 MEANDROS DO ESPORTE

O atleta começa relatando que se não fosse um atleta paralímpico, teria vontade de ser professor de Educação Física.

Eu acho que se eu não fosse um atleta, eu tinha vontade de ser professor de Educação Física. (Atleta).

Especificamente no esporte, o atleta relata que procura não misturar sua vida pessoal com a profissional, pois quando está no trabalho tem que ser profissional e não pode deixar a vida pessoal o atrapalhar, da mesma forma que não pode deixar o profissionalismo o atrapalhar na sua vida pessoal. Diz que não pode ficar trazendo problemas profissionais para casa, ele ainda ressalta que as duas podem se misturar, mas que, uma não pode atrapalhar a outra.

A minha vida pessoal não tem como se misturar na profissional, porque quando eu estou na minha vida profissional eu tenho que ser profissional, eu não posso deixar a minha vida pessoal me atrapalhar no meio pessoal, no, no profissional, então quando eu sou (ruídos) profissional eu tenho que ser profissional, quando eu estou no meu serviço eu sou profissional, e a minha vida pessoal, eu levo minha vida numa boa minha vida pessoal, não trago problemas do meu serviço, do meu profissional para minha vida pessoal, porque eu acho que as duas podem sim se misturar, mas não uma para atrapalhar a outra, e sim trabalhar junto. (Atleta).

O atleta também relata como é o relacionamento com seu técnico, que os dois tem uma relação muito boa, que o admira muito tanto pela pessoa que ele é e quanto pelo atleta que ele já foi uma vez que, era barreirista da seleção brasileira, de onde derivou sua experiência com o atletismo. O atleta pontua que não o conhecia que o primeiro contato que teve com o seu técnico foi quando ele treinava com uma outra professora no início de sua carreira e que enquanto treinava via ele na pista de atletismo. Ressalta também que não o considera como apenas um técnico, mas sim, como um amigo.

A minha relação com meu técnico é muito boa, meu técnico é muito gente fina, um cara que, que eu admiro muito no esporte, não conhecia antes de entrar no atletismo, ele foi da seleção brasileira, foi barreirista da seleção brasileira, mais eu não conhecia, quando eu comecei treinar com a técnica eu conheci ele na pista, eu já vi que ele era um cara muito experiente, inteligente, e depois de um ano de treino ele, eu comecei treinar com ele, então a nossa relação é muito boa, o Cléverson não é só um técnico para mim, Cléverson é um amigo. (Atleta).

Podemos perceber que a fala do técnico sobre o relacionamento com o atleta, é muito parecida. O técnico explica que a relação entre os dois é muito boa, que seu atleta é uma pessoa muito educada, muito responsável, uma pessoa boa, e que devido sua educação é muito prazeroso trabalhar com ele. Ressalta também que sempre teve boa relação com seus atletas, procura ser um pouco mais que um simples técnico, mas sim um amigo procurando saber dos seus problemas e estando

sempre por perto, tudo isso, sem perder seu profissionalismo. O técnico pontua que o convívio com o atleta é muito agradável, pois o mesmo é divertido e brincam muito, isto facilita as rotinas de treinamento.

Então, ele sempre foi um menino muito bom né, ele sempre assim, o Edevaldo é um cara que se vê que ele tem berço, berço não no sentido de riqueza, mais berço de sentido de educação, ele é um cara educado, é um cara responsável, é um cara que tem uma fala boa, ele é uma pessoa boa, então, assim sempre tive muito, um prazer realmente em conviver com ele, assim quanto pessoa por conta disso, ele tem uma boa educação e ai é mais fácil de lidar quando a pessoa tem uma boa educação para dar treinamento entendeu. Eu acho que el, assim, isso é uma coisa minha, eu sou muito passional, vamos dizer assim, eu tenho que ser amigo do meu atleta, de ir na casa dele sabe o que está acontecendo lá, então, eu não deixo de ser profissional sendo amigo dele, eu tenho que ser muito profissional mais eu sou amigo dele, então eu considero minha relação com ele muito boa sim, gente zoa muito, brinca muito, ele é muito divertido né, na, na, eu acho que, que da criação dele mesmo ele é muito divertido, mas a gente, eu considero ele, além de, além de ser meu atleta, eu considero ele meu amigo. (Técnico).

Pensando nestas falas citadas acima, podemos perceber que a relação entre técnico e atleta é saudável e isso pode ajudar muito no desempenho do atleta, pois segundo Argimonet al.(2006 apud ISLER; MACHADO, 2011) o técnico tem a função de influenciar o processo motivacional de seu atleta, através de fatores ambientais, incentivando seu atleta para o sucesso, ensinando o mesmo a pôr as orientações em prática e com isso, tentar melhorar o rendimento e os resultados elevando os fatores pessoais, como a autoconfiança, a autoestima e a auto eficácia do atleta.

O técnico coloca que desde que se formou já se dedicou a ser técnico de atletismo, sempre buscando especializações dentro da área, mas que como técnico de atletas com deficiência fazia pouco tempo que o mesmo estava atuando, aproximadamente a 4 anos. Antes de começar a exercer esta função ele relata que buscou se capacitar e se inteirar sobre o paradesporto para poder realizar um bom trabalho de acordo com as especificidades e tipos de treinamento para cada atleta.

Então, eu já comecei como técnico de atletismo na verdade, não tive uma outra for, formação que não, não fosse técnico, já comecei como técnico como treinador na verdade. Primeiro como estagiário, depois. Essa é mais recente, faz uns quatro anos, quatro anos meio assim. Não! Ó a uns seis meses antes de eu dar treino para ele, eu comecei a dar treino para, para algum outro atleta, mas nem uma experiência assim nessa área. Sim, todo, mesmo que seja na, em pesquisas online, seja em alguns livros que tenha, é uma, é uma área que tem muito pouca coisa publicada, mas daí eu fui atrás. Por, para sabre assim os mecanismos, diferenças que tinha. Basicamente o treinamento é muito parecido, mas muda alguns exercícios

que dá para ser feito, outros não, dependendo do tipo de deficiência né. (Técnico).

Um aspecto muito importante que está relacionado com a influência do técnico sobre os seus atletas é o poder de incentivá-los e motivá-los para um melhor rendimento, o técnico tem que adotar uma filosofia adequada de treinamento para que, surta efeito tanto na vida pessoal como na profissional. (MARTENS, 2000 apud ISLER; MACHADO, 2011).

O técnico demonstra estar a par da deficiência de seu atleta fato esse, essencial para que o mesmo saiba o tipo de treinamento a ser aplicado. O técnico se considera bem rígido em relação aos treinamentos pontuando que, se o atleta foi para treinar ele vai treinar, que nessa hora o profissionalismo tem que estar em evidência.

Encurtamento na perna, e uma displasia, mas, é, quando, assim a deficiência dele não afeta os treinamentos assim, a gente consegue, determinados exercícios muito específicos sim atrapalha, mais o restante não. Se, se veio para treinar você vai treinar, então eu, eu, eu passo o treino, eu gosto que seja bem feito assim, entendeu. (Técnico).

Ele ressalta que no começo o atleta teve um pouco de dificuldade, pois tinha certo receio em realizar os exercícios aplicados talvez por conta de sua deficiência, porém ressalta que a organização e planejamento dos mesmos eram de acordo com as limitações do atleta possibilitando o mesmo a realizar todos os exercícios fazendo com que, a motivação para realização aumentasse de acordo com a melhora dos resultados.

Então, no começo eu achei que ele, e eu acho que ele, ele sempre demorou um pouco assim, para, para encaixar, ele não, ele nunca fugiu do treino. Ele sempre encarou muito assim, mais no começo eu acho que ele tinha um pouco de, de, de medo de fazer as coisas, ele achava que talvez ele não fosse conseguir por conta da deficiência tal, mas todos os exercícios que eu passava, era assim muito bem balizado assim, então, e aí depois que ele viu, que, que realmente dava resultado ele começou a seguir aí. (Técnico).

O atleta estudado é o deficiente que o técnico treina de forma sistemática, porém o mesmo cita que orienta outras pessoas informalmente, sem vínculo.

is, informalmente sou, a gente ajuda outros atletas, principalmente quando chega per, próximo as competições né. (Técnico).

Podemos perceber que o técnico tem grande importância na vida e na carreira de um atleta, pois ele é responsável por preparar o mesmo em todos os

aspectos buscando alcançar o alto nível e suas metas. Segundo Isler e Machado (2011) o técnico é responsável por todo o desenvolvimento do atleta, visando todos os aspectos motivacionais, físicos, psicológicos entre outros tantos que englobam o esporte de rendimento.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando as respostas do atleta podemos perceber que o esporte de rendimento foi um importante fator para melhoria da sua qualidade de vida do atleta principalmente quando passou a fazê-lo de forma profissional.

Pensando na questão da inclusão social dentro da trajetória de vida e esportiva do atleta, podemos observar que, de acordo com a análise realizada, que o mesmo nunca teve problemas em relação a este fator, principalmente dentro da escola, onde o atleta sempre praticou as mesmas atividades que os outros alunos e nunca sofreu nenhum tipo de preconceito de seus colegas, professores ou funcionários. A única dificuldade encontrada foi quando o mesmo praticava algumas atividades esportivas informalmente, pois, algumas pessoas que estavam participando da mesma atividade, demonstravam e tentavam até o atingir por conta da sua deficiência. Agora em relação a espaços públicos, o atleta também nunca teve problema em frequentá-los, pois, coloca que tem sim algumas pessoas que reparam um pouco e até ficam olhando, mas que isso não o incomoda, e quando perguntado sobre a deficiência, o mesmo esclarece as dúvidas das pessoas sem problemas.

O atleta sempre foi muito bem resolvido por ser um deficiente, sempre aceitou sua deficiência, e vê que a mesma não interfere nada em sua vida, tanto profissional, tanto pessoal, mas que está autoconfiança e auto aceitação é graças ao apoio que sempre recebeu de sua família e de seus amigos e também graças as práticas esportivas que sempre o proporcionaram grandes benefícios gerais, como nos aspectos físicos, sociais e psicológicos e principalmente na sua inserção na sociedade. Como projeção e meta para o futuro o atleta reforçou que seu foco está todo em fazer parte da seleção brasileira de atletismo na Paralimpíada de 2016.

De acordo com esta pesquisa podemos concluir que, a pessoa com deficiência é capaz de desenvolver qualquer atividade sendo ela como rendimento ou somente para o seu lazer, e que o esporte em si vem como um grande facilitador na inclusão das pessoas com deficiência perante a sociedade em geral. O esporte também pode trazer benefícios em todos os aspectos gerais e específicos do ser humano. E que a auto aceitação vem como um fator crucial para o sucesso pessoal e profissional do deficiente. E que como o atleta já relatou, é deficiente quem quer, pois, a deficiente veio somente para somar e o ajudar em sua vida. Que as pessoas

expandam os seus conceitos em relação a esta condição, pois a mesma não torna um indivíduo inferior ao outro.

Este trabalho servirá como um ponto de referência para que outros trabalhos na mesma linha possam surgir, expondo outras histórias de vida de atletas, histórias que de alguma forma venham a somar no meio científico e que por conta de sua expressão possam marcar o meio social em geral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. S. M.S.; ARAÚJO, C, G. S. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista Brasileira Medicina do Esporte**. v. 6, n. 5, p. 194-203, set. /out. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v6n5/v6n5a05.pdf>> Acesso em: 24 ago. 2015.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. 1997. 152 f. Tese (Doutorado na Área de Estudos da Atividade Física e Adaptação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BARROZO, A. F.; HARA, A. C. P.; VIANNA, D.C.; OLIVEIRA, J.; KHOURY, L.P.; SILVA, P.L.; SAETA, B.R.P.; MAZZOTTA, M. J. S. Acessibilidade ao Esporte, Cultura e Lazer para Pessoas com Deficiência. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.12, n. 2, p. 16-28, 2012. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Pos-Graduacao/Docs/Cadernos/Volume_12/2o_vol_12/Artigo2.pdf> Acesso em: 12 jan. 2016.

BENFICA, D. T. **Esporte Paraolímpico: Analisando suas Contribuições nas (RE) Significações do Atleta com Deficiência**. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciência) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/pgedufisica/files/2010/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Dalila.pdf>> Acesso em: 12 jan. 2016.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Circuito Loterias Caixa Brasil Paraolímpico de Atletismo, Halterofilismo e Natação**. 2011. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/wp-content/uploads/2011/11/Regulamento-Circuito-CAIXA-2009-Regionais4.pdf>> Acesso em: 12 jan. 2016.

BRASIL. **Valores no Esporte**. Brasília: Fundação Vale, UNESCO. 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002250/225003POR.pdf>> Acesso em: 29 dez. 2015.

BUSTO, R. M.; A deficiência e o esporte paraolímpico. In: VII Encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial, 2011, Londrina/PR. **Anais Eletrônicos...** Londrina: UEL, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/esporte/222-2011.pdf>> Acesso em: 7 nov. 2014.

CARDOSO, V. D. A Reabilitação de Pessoas com Deficiência através do Desporto Adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n2/17.pdf>> Acesso em: 06 dez. 2015.

CARMO JR. W. Educação Física e a Ciência, Qual Ciência? **Motriz**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 44-51, jun.1998. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/04n1/4n1_ART07.pdf> Acesso em: 10 dez. 2015.

CEVADA, T.; CERQUEIRA, L. S.; MORAES, H. S.; SANTOS, T. M.; POMPEU, F. A. M. S.; DESLANDES, A. C. Relação entre esporte, resiliência, qualidade de vida e ansiedade. **Revista da Psiquiatria Clínica**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 85-89, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v39n3/a03v39n3.pdf>> Acesso em: 24 ago. 2015.

DAÓLIO, J. Fenômeno Social Esporte na Formação Profissional em Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 111-115, 1998. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/3852/2646>> Acesso em: 18 nov. 2015.

DE MORO, A. S.; SILVA, E. M.; SILVA, F. C.; DUARTE, L. C. Atletismo: Um sentido da visão do esporte. **Recorde: Revista de História do Esporte**. v. 7, n. 1, p. 1-13, jan. /jun. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/1243/1174>> Acesso em: 20 out. 2015.

DE ROSE, E. R. Medicina do Esporte: passado, presente e futuro, buscando melhorar a qualidade de vida através da atividade física. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 3, n. 3, p. 73-74, jul. /set. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v3n3/a02v3n3.pdf>> Acesso em: 24 ago. 2015.

DEUS, A. M.; CUNHA, D. E. S. L.; MACIEL, E. M.; **Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: uma metodologia**. IFPI. 2010. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_14.pdf> Acesso: 30 out. 2014.

FLECK, M. P. A. **Versão em Português dos Instrumentos de Avaliação de Qualidade de Vida (Whoqol) 1998**. UFRGS. Porto Alegre. 1998. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psiquiatria/psiq/whoqol.html>> Acesso em: 09 dez. 2015.

GARCIA, V. **A Origem dos Jogos Paraolímpicos**. Deficiente Ciente, São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2010/01/origem-dos-jogos-paraolimpicos.html>> Acesso em: 09 dez. 2015.

GOLDNER, L. J. **Educação Física e Saúde: Benefício da Atividade Física para a Qualidade De Vida**. 2013. 24 f. Monografia (Graduação em Educação Física), Centro Educação Física e Desporto, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: <<http://www.cefd.ufes.br/sites/www.cefd.ufes.br/files/Monografia%20%20Leonardo%20Goldner.pdf>> Acesso em: 29 dez. 2015.

GRUBANO, E. C. **O Esporte Adaptado como Fator de Inclusão Social para Pessoas com Deficiência Física**. Arquivo da Universidade do Extremo Sul

Catarinense, 2015. Disponível em:

<<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3075/1/Everson%20Cardoso%20Grubano.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2015.

INTERDONATO, G. C; GREGUOL, M. Qualidade de vida e prática habitual de atividade física em adolescentes com deficiência. **Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 282-295, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v21n2/11.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2015.

ISLER, G. L.; MACHADO, A. A. A Influência do Técnico na Motivação de Atletas em Esportes Coletivos: Considerações Baseadas em Histórias de Vida. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Rio Claro, v. 10, n. 3, p. 13-20, 2011. Disponível em: <<http://www.fontouraeditora.com.br/periodico/vol-10/Vol10n3-2011/Vol10n3-2011-pag-13a20/Vol10n3-2011-pag-13a20.pdf>> Acesso em: 05 dez. 2015.

LABRONICI, R. H. D. D; CUNHA, M.C.B.; OLIVEIRA, A.S.B.; GABBAI, A. A. Esporte como Fator de Integração do Deficiente Físico na Sociedade. **Arquivo de Neuropsiquiatria**, São Paulo, v. 58, v. 4, p. 1092-1099, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/anp/v58n4/3406.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2015.

MARQUES, R. F. R. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 365-367, out. /dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180755092009000400006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 12 nov. 2014.

MARQUES, R. F. R; GUTIERREZ, G. L; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as Configurações Sociais do Subcampo do Esporte Paraolímpico no Brasil: Os Processos de Classificação de Atletas. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/refuem/v23n4/02.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2015.

MOLINA, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3º ed. Porto Alegre. Sulina, 2010. 176 p.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, set. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>> Acesso em: 30 out. 2014.

OLIVEIRA, A. R. P.; FAUSTINO, P. F.; SEABRA, M. O. A influência do esporte como fator estimulador da inclusão na vida de pessoas com deficiência intelectual. **Colloquium Vitae**, Presidente Prudente, v. 4, n. Especial, p. 252-258, out. 2012. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2012/suplementos/area/Vitae/Ci%C3%A4ncias%20da%20Sa%C3%BAde/Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica/A%20INFLU%C3%8ANCIA%20DO%20ESPORTE%20COMO%20FATOR%20ESTIMULADOR%20DA%20INCLUS%C3%83O%20NA%20VIDA%20DE%20PESSOAS%20COM%20DEFICI%C3%8ANCIA%20INTELECTUAL.pdf>> Acesso em: 14 nov. 2014.

OLIVEIRA, M. S. **A Percepção dos Colaboradores Internos da Contal Assessoria Contábil sobre Automotivação**. 2005. 47 f. Monografia (Obtenção do título de Bacharel em Administração), Coordenação do Curso de Administração, Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa. 2005. Disponível em: <<http://unipe.br/blog/administracao/wp-content/uploads/2008/12/a-percepcao-dos-colaboradores-internos-da-contal-assessoria-contabil-sobre-automotivacao.pdf>> Acesso em: 05 dez. 2015.

PACIEVITCH, T. **Lançamento de Dardo**. Info Escola. 2006. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/atletismo/lancamento-de-dardo/>> Acesso em: 06 dez. 2015.

PASSOS, R.; FARIA, W. M. Análise das Dificuldades Enfrentadas por um Atleta Deficiente Visual na Prática do Atletismo: Relato de Caso. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 199, p. 1-1, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd199/deficiente-visual-na-pratica-do-atletismo.htm>> Acesso em: 13 jan. 2016.

PEREIRA, É. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 241-250, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n2/07.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2015.

SANTOS, A. R.; EUGÊNIO, J.F.; SOUZA, R.A.; LIBERALI, R.; ALMEIDA, R.A. Influência Familiar em Atletas de Categorias de Base no Futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 83-88, mai. /ago, 2011. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/viewFile/83/77>> Acesso em: 04 dez. 2015.

SILVA, L. M. O Estranhamento Causado pela Deficiência: Preconceito e Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Bahia, v. 11, n. 33, p. 424-561, set. /dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a04v1133.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2016.

TATSCH, T.; SILVA, M. E. N. Inclusão Escolar: Escola, Educação Física e Deficiência Auditiva. In: XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul, 2012, Cruz Alta. **Anais Eletrônicos...** Cruz alta: Unicruz, 2012. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2012/Educacao%20e%20desenvolvimento%20humano/artigo/inclusao%20escolar%20escola%20educacao%20fisica%20e%20deficiencia%20auditiva.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2016.

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. O Conceito de Motivação na Psicologia. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. VII, n. 1, p. 119-132, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v7n1/v7n1a12.pdf>> Acesso em: 04 dez. 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S.; **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo. Atlas, 1987. 175 p.

VALLE, M. P. **Atletas de Alto Rendimento: Identidades em Construção**. 2003. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.psicoesporte.com.br/Downloads/dissertacao.pdf>> Acesso em: 13 jan. 2016.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO ATLETA.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTES) UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

Gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: **HISTÓRIA DE VIDA DE UM ATLETA PARALÍMPICO DE LANÇAMENTO DE DARDO**. O estudo tem como objetivo analisar a história de vida de um atleta Paralímpico de lançamento de dardo, frente, a qualidade de vida, a trajetória esportiva e a inclusão social. Esta pesquisa será composta por 1 atleta Paralímpico com expressão nacional da modalidade de atletismo da prova de lançamento do dardo, com o técnico do mesmo e através de um levantamento de materiais disponibilizados nos sites das principais instituições de paradesporto nacional e internacional, e também com reportagens publicadas sobre os feitos do atleta. Este estudo é de caráter qualitativo, realizaremos um estudo de caso do tipo história de vida.

A sua participação é totalmente voluntária podendo o mesmo se recusar ou até mesmo desistir a qualquer momento, não acarretando qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Toda e qualquer informação obtida através da pesquisa será totalmente direcionada para fins da mesma e serão mantidas em absoluto sigilo e confidencialidade, preservando assim a sua identidade. Todo o conteúdo da pesquisa será destinado a ela, não expondo a identidade dos participantes.

Caso possua mais dúvidas entre em contato para maiores esclarecimentos a partir dos endereços abaixo.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Eu, Ederaldo Pereira da Silva.....declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pelo Professor Ricardo Alexandre Carminato.



Data: 15/11/2015.....

Assinatura do voluntário ou responsável

Eu, TAYLA RITA DA SILVA, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

Tayla Rita da Silva Data: 15/11/2015

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: TAYLA RITA DA SILVA.

Endereço: Rua Jacinto Diniz, Dinizópolis/Cruzmaltina - PR

Telefone: (43) 9604-3717

E-mail: tayla_rita@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Professor Orientador Ricardo Alexandre Carminato, no endereço abaixo:

UEM/CAMPUS IVAIPORÃ

Universidade Estadual de Maringá.

Praça Independência, nº 385, Centro.

CEP 86870-000. Ivaiporã-Pr. Tel: (43) 3472-5952

E-mail: racarminato@uem.br

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO TÉCNICO.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTES) UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

Gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: **HISTÓRIA DE VIDA DE UM ATLETA PARALÍMPICO DE LANÇAMENTO DE DARDO**. O estudo tem como objetivo analisar a história de vida de um atleta Paralímpico de lançamento de dardo, frente, a qualidade de vida, a trajetória esportiva e a inclusão social. Esta pesquisa será composta por 1 atleta Paralímpico com expressão nacional da modalidade de atletismo da prova de lançamento do dardo, com o técnico do mesmo e através de um levantamento de materiais disponibilizados nos sites das principais instituições de paradesporto nacional e internacional, e também com reportagens publicadas sobre os feitos do atleta. Este estudo é de caráter qualitativo, realizaremos um estudo de caso do tipo história de vida.

A sua participação é totalmente voluntária podendo o mesmo se recusar ou até mesmo desistir a qualquer momento, não acarretando qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Toda e qualquer informação obtida através da pesquisa será totalmente direcionada para fins da mesma e serão mantidas em absoluto sigilo e confidencialidade, preservando assim a sua identidade. Todo o conteúdo da pesquisa será destinado a ela, não expondo a identidade dos participantes.

Caso possua mais dúvidas entre em contato para maiores esclarecimentos a partir dos endereços abaixo.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Eu, CLEVERSON OLIVEIRA DA SILVA declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pelo Professor Ricardo Alexandre Carminato.

Cleerson Oliveira Data: 27/11/2015

Assinatura do voluntário ou responsável

Eu, TAYLA RITA DA SILVA, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

Tayla Rita da Silva

Data: 27/11/2015

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: TAYLA RITA DA SILVA.

Endereço: Rua Jacinto Diniz, Dinizópolis/Cruzmaltina - PR

Telefone: (43) 9604-3717

E-mail: tayla_rita@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Professor Orientador Ricardo Alexandre Carminato, no endereço abaixo:

UEM/CAMPUS IVAIPORÃ

Universidade Estadual de Maringá.

Praça Independência, nº 385, Centro.

CEP 86870-000. Ivaiporã-Pr. Tel: (43) 3472-5952

E-mail: racarminato@uem.br

ANEXO C - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O ATLETA, ADAPTADO DE DEMORO et al., 2014.

- Nome:
- Idade: Sexo: Estado Civil:
- Formação:
- Profissão:
- Nome do pai:
- Nome da Mãe:
- Irmãos:
- Idade dos irmãos:
- Existe outra pessoa na família com deficiência? Se sim, quantos?
- E em relação a sua residência, você se mudou alguma vez? (Se sim) a quanto tempo?
- Qual a sua deficiência?
- Como sua deficiência foi diagnosticada?
- Como o desporto adaptado chegou a sua vida?
- O que o levou a praticar o Atletismo?
- Por que você escolheu esta modalidade?
- Como você foi introduzido no Atletismo profissional?
- Com que frequência você treina?
- E isto faz quanto tempo?
- Você teve incentivo por parte da sua família e/ou amigos? O que eles diziam?
- Você não praticou nenhuma outra atividade antes de se dedicar ao atletismo?
- Como era sua participação nas aulas de educação física na escola? Isto te estimulou ou não?
- O que você pensava sobre o esporte antes de tornar-se um atleta? E o que você pensa agora?
- No que, ou quem, você se inspirou para praticar e manter-se no Atletismo?

- O que o esporte proporcionou de melhorias físicas em relação a sua deficiência?
- Se não fosse atleta você acredita que teria a mesma condição física atual?
- Você se considera uma pessoa saudável? Por que?
- Em relação a sua deficiência como você era e como é atualmente quanto a sua autoestima?
 - Você se considera uma pessoa realizada? Por que?
 - Quais benefícios o atletismo trouxe para sua vida?
 - Você tem alguma dificuldade para praticar e manter-se no esporte? (Se sim) qual?
 - A sua deficiência te incomoda pessoalmente?
 - Você sofreu algum tipo de discriminação em sua vida, em função de sua deficiência? (Se sim) Como você reagia? Como você se sentia?
 - Como o atletismo interfere no seu cotidiano? Sua vida pessoal mistura-se com a profissional?
 - O que você “sonhava” para seu futuro antes e depois da pratica esportiva?
 - No seu dia a dia você se limita a somente treinar e ir para casa ou frequenta outros locais públicos?
 - Você sente alguma imparcialidade (receio) ao sair de casa por algum motivo?
 - Como você reage quando as pessoas percebem sua deficiência e ficam olhando ou perguntam o que aconteceu com você?
 - E economicamente você vive de que?
 - Qual é o seu maior ídolo no esporte?
 - O que você gostaria de fazer profissionalmente, atualmente, se não fosse um atleta?
 - Até onde você pretende chegar como atleta profissional?
 - O que pretende fazer quando não praticar mais o esporte profissional?
 - Você gostaria de dizer algo mais as pessoas que como você possuem algum tipo de deficiência?

- Você só teve um técnico?

ANEXO D – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O TÉCNICO.

- Nome:
- Idade:
- Profissão:
- É filiado ao Cref?
- Foi atleta? Se sim, desde de quando?
- Tempo de atuação na profissão?
- Tempo de atuação na função específica de técnico de atletismo?
- Tempo de atuação na função específica de técnico para pessoas com deficiência?
- Quanto tempo conhece o Edevaldo?
- Já tinha experiência anterior como técnico de atletas paralímpicos?
- Além do Edevaldo você técnico de mais pessoas deficientes?
- Antes de trabalhar com atletas com deficiência adquiriu conhecimentos teóricos acerca da deficiência?
- O que o Edevaldo tem de deficiência?
- Como chegou ao atleta?
- Qual foi sua primeira impressão quando conheceu o Edevaldo?
- Como foi o início dos treinos, em termos de exigências?
- Como foi a aceitação do atleta frente aos treinos prescritos?
- Como considera a evolução do atleta, ano a ano desde que ele começou a ter o senhor como técnico?
- Como considera a evolução como pessoa do atleta, desde que o conheceu?
- Você percebeu alguma mudança na autoestima do Edevaldo?
- Quais suas, suas pretensões como técnico do Edevaldo para o futuro?
- Como você considera sua relação com o atleta?

APÊNDICES

APENDICE A – RANKING DO COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB).



CIRCUITO LOTERIAS CAIXA BRASIL DE
ATLETISMO, NATAÇÃO E HALTEROFILISMO

RANKING PROVA / CLASSE GERAL - ANO 2015 - ATLETISMO

L. DE DARDO MASCULINO F44

POS.	NOME	DT. NASC	CLASSE	CLUBE	UF	ITC	MARCA	LOCAL	DATA
1	CICERO VALDIRAN LINS NOBRE	23/06/1992	F44	AAPD/PB	PB	122,897	43.69	3ª FASE	06/11/2015
2	LUCAS EMANUEL MATIAS DE	29/10/1992	F44	SADEF-RN	RN	92,686	32.95	3ª FASE	06/11/2015
3	EDEVALDO PEREIRA DA SILVA	10/03/1981	F44	ASESP	SC	85,941	51.41	3ª FASE	06/11/2015
4	EDMAR ALVES DE OLIVEIRA	12/01/1970	F44	MINAS OLÍMPICA	MG	71,565	42.81	CENTRO	27/05/2015
5	LUCIO MAURO CRIZANTO	09/03/1971	F44	ASCEFETES	ES	60,632	36.27	RIO SUL	25/03/2015
6	CLAUDIO PACHECO	05/12/1965	F44	JUDECRI	SC	53,076	31.75	RIO SUL	25/03/2015
7	FELIPE ARAUJO	03/05/1981	F44	ATA-TRÊS	MS	40,956	24.50	CENTRO	27/05/2015

Obs: O Comitê Paralímpico Brasileiro utiliza-se do mesmo ranking do Circuito Loterias Caixas Brasil de Atletismo.

APÊNDICE B – RANKING INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE
(IPC).

IPC Athletics Rankings

Official World Rankings 2015



IPC Athletics Rankings
Official World Rankings 2015

created by IPC Sport Data Management System

Gender: Men | Event Type: Javelin | Period Start: 2015-01-01 | Period End: 2015-12-31 | Specification: Outdoor

Men's Javelin F44

Rank	Name	NPC	Birth	Width	Date	City	Country
1	Fernandes, Marcio Miguel Da Costa	CPV	1983	56.24	2015-10-30	Doha	Qatar
2	McSweeney, Rory	NZL	1985	55.80	2015-10-30	Doha	Qatar
3	Falelavaki, Tony	FRA	1985	53.83	2015-06-10	Paris	France
4	Fonseca, Gerdan	CUB	1975	53.12	2015-08-14	Toronto	Canada
5	Ranbir, Narender	IND	1989	52.35	2015-10-30	Doha	Qatar
6	McQueen, Alistar	CAN	1991	51.42	2015-07-26	Sherwood Park	Canada
7	Silva, Edevaldo	BRA	1981	51.41	2015-11-07	SĂo Paulo	Brazil

APÊNDICE C – REPORTAGENS REFERENTES AS CONQUISTAS DO ATLETA.

globoesporte.globo.com/pr/noticia/2014/12/premio-orgulho-paranaense-vai-homenagear-os-destaques-de-2014.html

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | famosos & etc | videos

ASSINE JÁ | CENTRAL | E-MAIL | ENTRAR

MENU ge PARANÁ RPCTV BUSCAR

02/12/2014 18h28 - Atualizado em 09/12/2014 14h26

Prêmio Orgulho Paranaense vai homenagear os destaques de 2014

Internauta pode escolher o maior destaque do esporte paranaense do ano em votação. Cerimônia de entrega dos prêmios será realizada no dia 9 de dezembro

TUDO SOBRE

RPC RPC

Pacotão do Coritiba: Três pênaltis, fim de jejum e reencontro em goleada
há 7 horas

CATEGORIA PARADESPORTO DE RENDIMENTO

Paratleta masculino – indicados:
Anderson Ribas Silva (VOLEI SENT/ CTBA)
Claudiomiro Segatto (TME PARAL / CTBA)
Edevaldo Pereira da Silva (ATL PARAL / FAXINAL)

www.paranacentro.com.br/site/noticia.php?idNoticia=10704

PARANÁ CENTRO
JORNAL DE NOTÍCIAS E NEGÓCIOS

3472-8300
Paraná SUPERMERCADOS

Notícias - Colunistas - Guia Telefônico - Mensagens dos Internautas - Classificados

19/06/2013

Atleta de Cruzmaltina alcança três medalhas no Circuito Caixa

Curtir **Compartilhar** Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso. **G+** 0



O paratleta Edevaldo Pereira da Silva, que vive em Dintzópolis, município de Cruzmaltina, e que representa Borrazópolis, se destacou com ótimos resultados na 1ª etapa do Circuito Loterias Caixa de Atletismo, Halterofilismo e Natação, realizado recentemente no Estado de São Paulo.

Edevaldo competiu nas modalidades de arremesso de peso, salto em distância e lançamento de dardo. O paratleta conseguiu um excelente

Paratleta exhibe orgulhoso as medalhas conquistadas em São Paulo

02/06/2014

Atleta paralímpico conquista três medalhas de Ouro no Circuito Rio/Sul de Atletismo

[Curtir](#) [Compartilhar](#) Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso. G+1 0



Edevaldo Pereira fatura três medalhas de Ouro e alcança dois índices para etapas nacionais

O atleta paralímpico Edevaldo Pereira da Silva, que reside em Dinizópolis, conquistou três medalhas de Ouro e dois índices para as etapas nacionais da competição, na última etapa do Circuito Regional Rio/Sul Loterias Caixa de Atletismo, Haterofilismo e Natação, realizada de 22 a 25 de maio, no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (Cefan), no Rio de Janeiro.

Na oportunidade, Edevaldo Pereira venceu as provas de arremesso de peso com a marca

06/04/2015

Paratleta de Dinizópolis garante medalhas no Circuito Rio/Sul de Atletismo

[Curtir](#) [Compartilhar](#) 77 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos. G+1 0



Edevaldo Pereira conquista medalhas na 1ª etapa do Circuito Rio Sul

Convocado para representar a Seleção Brasileira nos Jogos Parapan-Americanos do Canadá, o paratleta Edevaldo Pereira da Silva, que reside em Dinizópolis, disputou a 1ª etapa do Circuito Rio/Sul de Atletismo, no período de 27 a 29 de março, na Universidade Positivo, em Curitiba, e conquistou três medalhas na competição, que reuniu atletas do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Edevaldo Pereira assegurou a medalha de Ouro nas provas de

08/cruzaltina-paraatleta-evaldo-pereira.html

quinta-feira, agosto 16, 2012

CRUZMALTINA - Paraatleta EDEVALDO PEREIRA DA SILVA, recebe Moção de Aplausos



A Câmara Municipal, de Cruzmaltina, fez uma moção de aplauso ao Paraatleta EDEVALDO PEREIRA DA SILVA. Ele já foi notícia várias vezes aqui na nossa página, e também em jornais e sites de todo Brasil. A moção teve como objetivo homenagear o atleta pelo seu bom desempenho no esporte e por estar levando o nome do Município de Cruzmaltina por onde passa. Segundo informações da Câmara, a Vereadora Diva Morador, foi a autora do Requerimento da Moção de Aplausos, e por isso foi designada para entregar o Certificado durante a sessão da Câmara. Em nota, os vereadores também elogiaram Edevaldo, e disseram que ele é um orgulho para toda comunidade de Cruzmaltina. Em junho, nossa página informou que Edevaldo, participou da 1ª Etapa Nacional Circuito Loterias Caixa Brasil Paraolímpico em São Paulo e conseguiu bons resultados, trazendo para o Vale do Ivaí, duas medalhas de prata, sendo uma no lançamento de dardo, com um lançamento de 35.19 metros, e a outra no salto em distância de 4.75 com direito a quebra de recorde brasileiro no salto desta categoria.

Postado por Ronaldo Alves Senes, o "Berimbau" às quinta-feira, agosto 16, 2012

0/cruzamtlina-medalhas-de-ouro-para.html

terça-feira, setembro 22, 2015

CRUZAMTLINA- Medalhas de ouro para Edevaldo

O Para-atleta Edevaldo Pereira, de Cruzmaltina, conseguiu duas medalhas de ouro no Circuito Loterias Caixa em São Paulo



O para-atleta de Dinizópolis Edevaldo Pereira da Silva esteve recentemente participando da Segunda Etapa Nacional do Circuito Loterias Caixa realizado no Estado de São Paulo, na pista de atletismo do Ibirapuera. Nesta competição Edevaldo conquistou resultados muito importantes, ou seja: Duas medalhas de ouro, sendo uma no arremesso de peso com 11,76m e outra no lançamento de dardo com 51,08m; quebrando recordes. Lembrando que o recorde brasileiro era de 50,30m, e com essa marca o para-atleta atingiu a quarta melhor marca do ano no ranking mundial do IPC na classe F44. Edevaldo divulgou nota onde agradece a Deus, toda sua família, aos amigos, ao seu técnico Cleverson Oliveira e Associação Esportiva e Paradesportiva de Lages ASESPP. Também aos seus patrocinadores: Cocari Vitaves, Cotrans, Pro Saúde Suplementos, Nutricionista Esportivo Pietro Maronezzi, Academia ACV fitness, Colégio Estadual Pe. Gualter Farias Negrão, Viveiro de Mudanças Nossa Senhora de Fátima e Vera calçados.

Postado por Ronaldo Alves Senes, o "Berimbau" às terça-feira, setembro 22, 2015

julocesarsilvalino.blogspot.com.br/2014/11/cruzaltina-para-atleta-evaldo.html

REDE DE POSTOS AMIGÃO

POSTOS AMIGÃO

FAXINAL - MAUÁ DA SERRA - CRUZMALTINA

OBRADO

PR - Faxinal
499 Lavoie
117 - 24
750, 100ml

VER VIDEO

CRÉSOL JUNTOS SOMOS FORTES

COOPERAR PARA GANHAR

CRUZMALTINA - PARA-ATLETA EDEVALDO PEREIRA DA SILVA DE DINIZÓPOLIS CONQUISTA NOVAS MEDALHAS :

